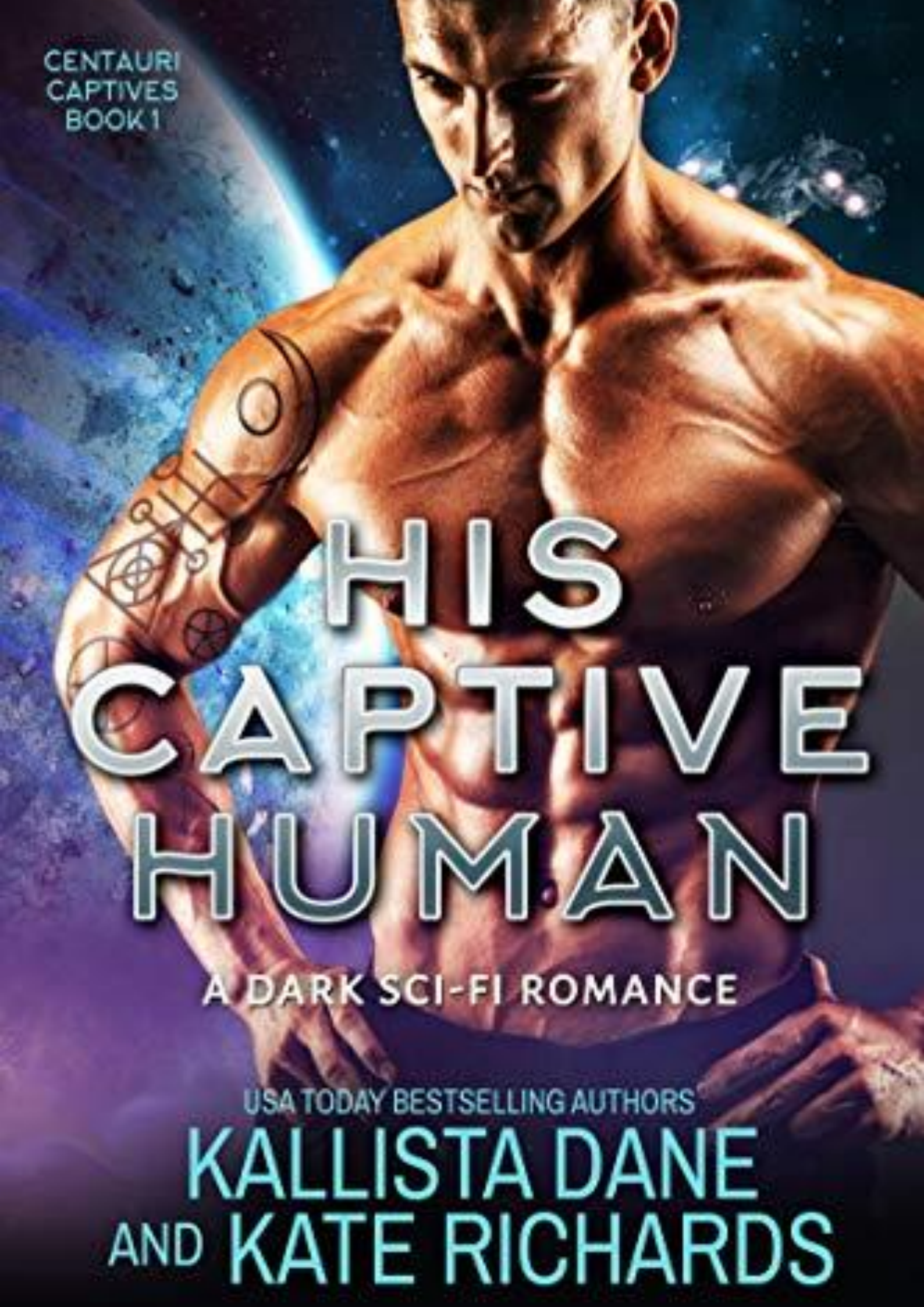

CENTAURI
CAPTIVES
BOOK 1
HIS
CAPTIVE
HUMAN
A DARK SCI-FI ROMANCE
USA TODAY BESTSELLING AUTHORS
KALLISTA DANE
AND KATE RICHARDS

O planeta Arythios não existe mais...

Pelo menos no que diz respeito aqueles que antes o habitavam. O capitão Mantsk, da nave estelar, estava longe de casa em uma missão diplomática quando as comunicações com o controle de solo foram interrompidas. Quando voltaram souberam da invasão e massacre de todos na superfície do planeta. Homens, mulheres, crianças... todos assassinados. Os únicos arythians remanescentes são aqueles em um punhado de outras embarcações que tiveram a sorte de estar fora também. Não havia mulheres a bordo.

O capitão Mantsk e sua tripulação estão em uma missão para salvar seu povo. Seus pedidos de ajuda à Federação Interestelar não foram atendidos ou, no caso da Terra, foram rejeitados. Os líderes desse planeta, no entanto, ofereceram enviar algumas escravas sexuais para os homens usarem... Sem mulheres, o capitão aceita. Essas fêmeas terão que ser mais do que corpos para os homens dele usarem. Elas também terão que salvar a raça da extinção.

Meu mundo se foi...

Jess

Depois de uma separação desagradável, eu estava determinada a fazer algumas mudanças na minha vida. Mas quando me voluntariei para uma missão diplomática no planeta Arythios, nunca esperei acordar nua no espaço em uma nave de guerra alienígena sombria. Dada pelo meu país como um brinquedo sexual para seu comandante severo.

Ele é enorme e cinzento, e ainda mais Dominante do que meu antigo marido. Eu odeio ser sua cativa - mas meu corpo ama as coisas que ele faz comigo.

Meu mundo se foi ...

Mantsk

Embora eu estivesse furioso com o insulto casual, aceitei.

Eu não tive escolha.

As fêmeas que eles enviaram terão que ser mais do que corpos que meus homens possam usar. Elas terão que salvar nossa raça da extinção.


Keepers Of The Books
Staff
Tradução: Ayanna Keepers
Revisão Inicial: Isabella Keepers
Revisão Final: Ayanna Keepers
Leitura: Aysha Keepers
Formatação: Annah Keepers
HIS CAPTIVE HUMAN

Capítulo um

Mantsk

— Capitão, as fêmeas estão a bordo.

Eu levantei minha cabeça da imagem holográfica, o pescoço rangendo em protesto. Eu estava estudando os mapas estelares há horas, como fazia todos os dias, procurando uma possível alternativa ao nosso planeta natal, se nossa missão tivesse sucesso... não, eu não diria que falharia. Nem sequer me permitia pensar nisso. Voltaríamos ao nosso mundo. Eu apostara minha vida nisso e a vida da minha equipe. Mas pode levar tempo e, com a carga que acabamos de adquirir, podemos precisar de um lugar para nos instalar, pelo menos temporariamente.

— Uma diversão agradável para minhas tropas, como um gesto de nossa boa vontade.— Era assim que o líder da Terra as chamava. Certamente, elas iriam satisfazer nossos desejos carnais, mas precisávamos delas para mais. Para reprodução.

A prole não se desenvolve adequadamente no espaço. Foi o que nossos cientistas disseram. Eles precisariam de um planeta com gravidade real para atingir a estatura total e o desenvolvimento ideal do cérebro. Isso significa que tínhamos apenas alguns meses para fazer planos, se tudo desse certo e nosso povo realmente tivesse capacidade de reproduzir com as mulheres terráqueas. Oramos a todos os deuses que temos ou nossa espécie acabaria conosco.

De pé, entrego o comando ao primeiro companheiro e fui para o compartimento do portal onde as voluntárias haviam chegado. Elas devem ser mulheres bastante dóceis para aceitar essa missão, deixar tudo para trás e se aventurar no espaço pelo resto de suas vidas. As nossas preferiram ficar no chão, e seus homens, que dominavam, anularam as idéias independentes das poucas que queriam embarcar para as estrelas.

Eu reprimi uma maldição quando as imagens que eu tentava tanto manter afastadas inundaram minha mente. Minha fúria com a invasão

do nosso mundo ainda estava fresca. Ainda não se transformou em sofrimento.

Nossas fêmeas estavam mortas. E as crianças também. Os idosos e aqueles que passaram a vida na superfície do planeta. Toda a nossa liderança civil. A maior parte da casa real. Os invasores haviam se instalado nos prédios que não haviam destruído.

Entrei no elevador e apalpei o painel, encostando-me na parede de metal frio enquanto descia.

A Terra não nos teria como convidados ou visitantes, o que tornaria muito mais fácil, pelo menos temporariamente, mas seus líderes vetaram nosso pedido. No entanto, eles enviaram esse grupo de mulheres para nós como um tributo. Escravas para matar nossa luxúria. Talvez eles tivessem muitas mulheres? Embora nossos homens estivessem no comando de nossas casas, eu não conseguia imaginar nossos governantes mandando qualquer uma de nossas mulheres assim. Talvez eles tivessem nos enviado aquelas que consideravam problemáticas?

Deixei de lado o desconforto que esses pensamentos provocaram. Se os homens da Terra tivessem problemas para controlar suas fêmeas, isso parecia se alinhar com suas preocupações sobre nós, mesmo não colocando os pés em seu planeta. Suas inseguranças não eram nossas. Suas falhas são próprias. E nenhum homem de Arythios teria tais falhas.

Quando saí do elevador e entrei no hangar a expectativa floresceu em meu peito. Como capitão, eu faria a primeira seleção dentre as mulheres. A que eu escolher pegaria minha semente, esfriaria minha luxúria, geraria meus filhotes. Talvez os jovens dos outros também. Nossa espécie estava em risco de terminar com esta geração.

A porta se abriu ao me aproximar para revelar as fêmeas, ainda dormindo como o contato da Terra nos dissera que estariam. Elas usavam roupas justas, inadequadas para aqueles que logo inchariam com os jovens, mas não importava.

Passeando entre elas, olhando cada uma, tentando escolher, parei em uma mulher esbelta e de pele escura com feições suaves, depois novamente por uma de cabelos claros com braços e pernas

musculosas. Como decidir entre eles? As fêmeas da Terra tinham características diferentes com base no cabelo ou na cor da pele? Um era mais favorável à carregar filhotes do que outra? Mais prazerosa na cama? Melhor para ter mais bebês para reabastecer nossa raça?

Parando ao lado de uma mulher de cabelos vermelhos com amplas curvas, decidi fazer um teste, meu pau endurecendo com meus pensamentos. — Posso acordá-la?— Perguntei ao tripulante que se deslocava de um para o outro, cuidando delas.

— Certamente, capitão.— respondeu ele. — Algumas abriram os olhos e caíram no sono novamente. Parece que elas foram fortemente sedadas para sua jornada.

Toquei a fêmea em sua bochecha uma vez, duas vezes, e suas pálpebras tremeram e se abriram para revelar os olhos do verde profundo do mar perto de nossa capital. — Bem-vinda, mulher.

Ela piscou, mas não falou quando eu libertei meu pau do meu uniforme e o segurei em direção a seus lábios rosados e cheios.

— Abra.— eu pedi e, agarrando a parte de trás de sua cabeça, a trouxe para mais perto. Quando suas mandíbulas permaneceram fechadas, empurro um polegar em sua boca e abri, em seguida, a alimentei com meu pau lentamente, inspirando profundamente, pois estava cercado por seu calor. — Chupe, mulher. Você tem a honra de ser considerada pelo capitão deste navio. Mostre-me sua ânsia.

Ela ofegou, e eu aproveitei sua maior abertura para entrar até sua garganta. Sua boca se apertou e ela tentou se afastar, mas eu a agarrei pela nuca e a segurei lá, mergulhando uma e outra vez, minhas coxas tremendo com o esforço de ficar em pé enquanto o prazer aumentava e minhas bolas se apertavam. — Essa é uma boa mulher.

Seus olhos se fecharam e eu não tinha certeza de que ela estava plenamente consciente, realmente ativamente envolvida. Mas sua sedação desapareceria em breve, e então ela realmente poderia expressar sua gratidão por minhas atenções. Embora eu quisesse empurrar fundo e com força sem restrição, fazia tanto tempo desde a última vez que visitei uma casa de prazer que me forcei a ir devagar, querendo mais um ou dois momentos antes do dever me chamar de volta ao comando. Seu cabelo

comprido estava trançado, e enrolei a trança grossa em volta do meu punho, mudando o ângulo para uma penetração ainda mais profunda, gemendo quando ela pegou tudo.

— Capitão, você é necessário na ponte.— A voz sintetizada no interfone cortou minha intenção de permanecer, e eu deixei meu esperma escorrer por sua garganta, grunhindo satisfeito enquanto ela engolia.

Essa fêmea serviria.

— Leve ela despida para minha cabine, os outros oficiais poderão fazer suas escolhas.— Saí da câmara e voltei para o elevador, pensando mais uma vez no negócio de pilotar esta nave no espaço, encontrar um lar temporário para o nosso povo e, um dia, retomar Arythios.

Capítulo dois

Jess

Congelando.

Eu acordei com um sobressalto. Meus dentes batiam, envianda uma dor aguda na minha cabeça. Apertei minhas mandíbulas, cortando a série de maldições que eu estava prestes a proferir, e abri meus olhos uma fresta.

Preto. Totalmente escuro. Nem mesmo um toque de luz penetrou na escuridão. Pânico puro derramou sobre mim.

Estou com frio até os ossos e tudo está escuro. Eu estou morta?

Não seja ridícula, responde a Jess racional. *Se você estivesse morta, não sentiria nada. Nem o frio nem o machado que deve estar saindo da sua testa.*

Ela tendia a ser bastante irritante, mas Jess racional tinha um bom argumento. Lutei contra o ataque de pânico, respirando profundamente, passei a mão trêmula sobre a testa e suspirei aliviada. Ela estava meio certa. Se eu estivesse morta, não ficaria com tanta agonia, mas não havia nada saindo do meu crânio.

Estremeci novamente, subitamente consciente do cansaço até os ossos por todo o corpo, da dor na garganta. Não estava morta. Talvez doente? *Pense Jess. Qual é a última coisa que você consegue se lembrar?*

Um arco-íris de luz, explodindo diante dos meus olhos. Deslumbrando-me com seu brilho quando meu corpo acelerou através do túnel.

Não, não um túnel. Um portal.

A memória voltou, em pedaços que não faziam sentido a princípio, especialmente quando todos os meus sentidos começaram a operar novamente.

Deitada em uma superfície fria, dura e lisa. Movendo-me com cuidado, deslizei minhas mãos o mais longe que pude alcançar. *Sim. Frio e duro . E suave. Como uma mesa de necrotério.*

Ok, isso não ajudou. Eu tinha certeza que não estava morta. Eu tentei relaxar. Esvazie meu cérebro e deixe as memórias desaparecerem.

— A jornada vai demorar um pouco, mas você não estará ciente do tempo passando. Vai parecer um piscar de olhos.

Eu reconheci a voz na minha cabeça. Calma, com um tom quase hipnótico. Doutor Abrams. Ele estava encarregado de nossos exames médicos, certificando-nos como capazes de viajar.

Viagem. Meus olhos se abriram novamente e eu gemi quando outra dor aguda cortou minha cabeça.

Ainda puro preto ao meu redor.

Eu reprimi outra onda de pânico. Nenhum sinal de areia branca brilhante e mar verde profundo. Nenhum sinal de calor de um trio de sóis vermelhos. Não é o caloroso acolhimento por nossa missão de diplomacia que nos informaram na Terra.

Algo deu terrivelmente errado. Eu não tinha ideia de onde tinha terminado, mas não se parecia nada com as fotos que eu tinha visto de Arythios.

Quanto tempo passou. Eu não tinha como saber isso, já que cada segundo parecia uma eternidade no meu inferno negro e frio. Tentei contar até sessenta e depois empilhar os minutos em horas, mas a dor na minha cabeça tornava impossível acompanhar os números.

Quanto mais eu estava acordada, mais informações eu processava. E quanto mais informações eu processava, pior a minha situação ficava.

Não consegui me mexer. Deslizar minhas mãos ao redor do meu corpo não contava. Eu parecia incapaz de me sentar ou rolar. Ou até levantar minha cabeça. A melhor forma que eu podia comparar era como se um campo de força invisível me segurasse no lugar. Provavelmente uma coisa boa, já que eu não tinha ideia de quão grande era a superfície debaixo do meu corpo. Se eu rolasse, poderia cair em um abismo preto sem fundo.

Quando meu coração parou de bater, captei vibrações sutis na superfície em que estava deitado. Movimentos que me diziam que um motor silencioso, mas poderoso, operava nas proximidades. Normalmente, os dispositivos mecânicos eram monitorados por forças vitais sencientes, se não no local, e à distância. Algum ser acabaria por me encontrar. Eu só esperava que não fosse tarde demais.

E isso me levou à minha última e pior descoberta. Quando passei meus braços em volta do meu corpo para me aquecer, descobri que alguém - ou alguma *coisa* - já sabia que estava aqui.

Engoli dolorosamente e coloquei a mão na garganta, temendo que a lembrança nebulosa que tomava forma em minha mente não tivesse sido um pesadelo, afinal.

Eu não estava usando o uniforme que vestia quando entrei no portal para o transporte. Ele desapareceu, junto com a calcinha preta de seda que eu usava por baixo para me lembrar que eu poderia trabalhar para o ramo diplomático de nossas forças armadas sem abrir mão do meu lado sexy. Alguém - ou alguma *coisa* - despojou os símbolos da minha posição junto com a minha feminilidade. Me prendeu aqui no escuro. Desamparada. E totalmente nua.

Capítulo três

Jess

O ruído pesado de passos se aproximando me forçou a reprimir novamente meu medo e me recompor. Eu me concentrei no som, tentando adivinhar a direção de onde meu captor apareceria.

Embora eu estivesse esperando isso, a explosão de luz me cegou. Fechei os olhos com força e abri uma fenda quando senti uma mão fria percorrer meu corpo, acompanhada por baixos ruídos guturais. Eu lutei para entender tudo quando meu cérebro as processou como palavras.

— Sono suficiente. Acorde.

O chip Tellex. Que concordei em implantar o dispositivo de tradução atrás da orelha esquerda quando me voluntariei para esta missão. Embora eu tivesse passado por um treinamento depois, nunca havia experimentado o implante operando fora do laboratório. Era confuso ouvir aqueles grunhidos e rosnados acompanhados por um diálogo contínuo em minha mente. É como ouvir alguém falando uma língua estrangeira enquanto outra voz a interpreta simultaneamente.

Gradualmente, os dois sons se fundiram em um. Inglês falado em um tom masculino áspero. Eu sintonizei no meio do caminho o que ele estava dizendo.

— Honrada por ter escolhido você. Você pertence a mim agora. Você vai obedecer minhas ordens. A desobediência será punida. Rápida e severamente.

Punida? Eu gemi e fechei os olhos novamente. Tentei me convencer de que tudo isso era um pesadelo. *Quando abrir os olhos, verei aquela praia ensolarada .*

— Não! Eu disse acorde. Agora!

O chip Tellex não traduzia emoções junto com as palavras, mas não tive problemas em sentir raiva em seu tom áspero.

Meus olhos se abriram.

Uma enorme forma pairou sobre mim na luz ofuscante. Pele cinza, olhos negros como carvão. Frio, sem uma pitada de calor. Eu me forcei a não demonstrar medo enquanto nos encarávamos.

— Eu sou Mantsk. Capitão desta nave estelar. Você vai me chamar de mestre.

Nave estelar. Isso explicava as vibrações que eu sentia.

Quando meus olhos se ajustaram à luz, eu fui capaz de separar meu sequestrador de seu ambiente. As paredes ao meu redor eram cinza opacas, enquanto sua pele tinha um brilho nela. Ele usava um colete cinza metálico sem mangas, exibindo braços musculosos. Apenas dois deles eu notei, colocando um medo para descansar. Pelo menos ele não era uma criatura alienígena estranha com vários apêndices.

Vergões levantados alinhavam um braço do ombro ao pulso, formando um padrão complexo. Seu peito enorme afunilava até uma cintura estreita, circundada por um cinto de prata. Ele estava debruçado sobre a mesa dura, então peguei apenas a parte superior do que parecia ser um par de calças pretas - com uma enorme protuberância na frente. Grande o suficiente para vários anexos. Engoli em seco e desviei o olhar.

Tudo ao meu redor era duro e sombrio, como uma cela de prisão. Embora eu tivesse projetado moradias para pessoas que amavam o conceito - geralmente jovens homens solteiros - eu não era fã do visual industrial despojado. Este lugar levou o conceito ao extremo.

Minha mente disparou, tentando desesperadamente entender a minha situação. Eu tinha ouvido falar de piratas espaciais . Viajando pelo cosmos, sequestrando naves, roubando a carga e levando aqueles a bordo como prisioneiro para vender ou manter como escravos. Ele certamente se encaixava nessa parte. Mas eu nunca ouvi falar de alguém sendo arrebatado enquanto se teletransportava através de um portal espacial. Quem quer que fosse esse alienígena, ele possuía tecnologia que eu nunca soube que existia.

Eu tenho que sair daqui de alguma forma. Encontrar uma maneira de voltar para casa. Ele está esperando que eu aja como uma típica cativa. Assustada. Em pânico. Eu preciso jogá-lo fora da base.

Eu disse a primeira coisa que me veio à cabeça. — Precisa de trabalho, mas você vai adorar o lugar quando eu terminar. Eu gosto de incorporar toques da natureza, um pouco de cor, alguma suavidade, mesmo em um ambiente tão masculino.

O olhar de confusão em seus olhos foi minha recompensa. Mas durou pouco. — Não perca meu tempo com conversas tolas. A partir de agora, você vive apenas por uma razão: ter meus filhos.— Ele se afastou, murmurando para si mesmo. — Louca. Ou estúpida. De qualquer maneira, isso significa problemas. Não admira que seus líderes a tenham entregado.

— Me d*evolva!*— Eu aproveitei suas últimas palavras. Minha voz aumentou. — Como assim, meus líderes me *entregaram* ? Você me sequestrou, e você está certo, isso significa problemas. Sou cidadã da Terra, membro da Federação Interestelar, em uma missão diplomática em Arythios. Sugiro que você me deixe ir agora mesmo antes que exércitos dos dois mundos caiam sobre você, seguidos pelo poder de toda a Federação.

Ele fez um som áspero de coaxar. Riso? Impossível.

— Sequestrada? Dificilmente. Eu sou um comandante da nave estelar arythian. Nós não sequestramos seres alienígenas. Seu líder ficou feliz por se livrar de você e, francamente, eu entendo o porquê. Sua atitude é ruim e sua voz é estridente e desagradável de se ouvir.

Comandante arythian da nave estelar? — Não. *Não*, não pode ser. Você não se parece em nada com o que aprendi sobre Arythios. Eles eram bonitos com pele bronze dourado, e você é...— - eu parei. Chamar meu captor de feio não me traria nenhum favor.

— Além disso,— continuei, — eu não deveria ser transportada para uma nave estelar. Eu sou esperada em Arythios.— Eu me contorci na superfície fria, tentando desesperadamente me sentar. — Sugiro que você me liberte de qualquer campo de força que esteja me segurando e me envie para lá imediatamente. Estou avisando que, se eu não chegar logo, haverá grupos de busca vasculhando esse vetor da galáxia.

— Por todos os deuses!— Ele balançou sua cabeça. — Eu deveria ter pensado melhor antes de confiar em seu líder. Aquele verme covarde enviou você aqui sem lhe dizer?

Minhas ameaças não pareciam ter o efeito desejado. Eu ignorei a observação do — verme covarde— . Aparentemente, este alienígena e eu estávamos de acordo sobre o que pensamos sobre o chanceler Ravensworth, atual líder da Terra. — Me dizer o que?

— Arythios foi destruído.

— Ah não! Isso é horrível! Era um mundo tão bonito. O que aconteceu? Foram asteroide?— Fiz uma pausa, lembrando as imagens que tinha visto. As cidades cintilantes, as praias quentes com crianças aritias brincando em um mar verde profundo. — Seu povo... eles foram capazes de evacuar a tempo?

— Mortos. Eles estão todos mortos.

Seus ombros caíram e ele virou a cabeça, recusando-se a encontrar meus olhos. Embora eu não tivesse me adaptado totalmente ao chip Tellex, a linguagem corporal aritiana era semelhante o suficiente à da Terra para que eu sentisse um desespero sombrio.

— Eu sinto muito.

— Minha nave estava em uma missão de treinamento de rotina quando nosso mundo foi atacado.— Ele andava de um lado para o outro enquanto falava, como um leão enjaulado. — Recebemos um pedido de socorro, mas quando chegamos em casa... tudo se foi.

Ele acenou com a mão no ar e apareceram imagens holográficas.

Cenas de devastação me cercaram. Conchas torcidas de edifícios eram tudo o que restava nas ruínas das cidades. Grandes florestas foram reduzidas a esqueletos em chamas. As bordas da paisagem cinza se misturavam às paredes cinza ao meu redor, então me senti como se estivesse ali no meio de tudo.

— Os guerreiros da minha nave e um punhado de outros que estavam fora em missões na época são os únicos que restam da nossa espécie. Eu me aproximei da sua Federação Interestelar, esperando formar uma aliança para nos ajudar a combater nossos agressores.

Ele parou de andar, abaixou a mão em um movimento cortante e as imagens

desapareceram.

— Seu líder recusou. Ele nem nos permitiu pousar no seu mundo. Ele nos mandou embora com nada - exceto a promessa de transportar um bando de fêmeas humanas para o meu navio como brinquedos para minha tripulação. — Um gesto de nossa boa vontade.— ele chamou.

Ele se aproximou novamente, o fogo brilhando em seus olhos negros como carvão.

— Não te raptei. Ele te entregou, para ser o brinquedo de um alienígena. Mas preciso mais do que isso.

Ele desabotoou o cinto de prata em volta da cintura, deixando-o cair. Sua mão foi para a calça preta apertada e a protuberância ali aumentou ainda mais.

— Você dará à luz à meus filhotes. Vai cuidar deles e cria-los.

Foi quando eu perdi a cabeça. Eu não ia apenas ser fodida. Ele queria colocar bebês alienígenas cinzentos em mim. Comecei a me debater freneticamente na superfície fria e dura, mas ainda não conseguia mexer o meu corpo. — Não! Não não, não, não…

Ele largou as calças. Embora eu tentasse resistir, eu tinha que olhar.

Oh, doce Deusa! Seu pênis era enorme. Duro, grosso e roxo profundo, não cinza como o resto do corpo. Mas, em vez de uma única cabeça inchada, tinha cinco. Cada um delas grande e comprida. Movendo-se independentemente. Torcendo, empurrando para frente e para trás.

Senti algo mais estranho sobre sua anatomia, mas não conseguia tirar os olhos daquele pau.

— Junte-se a mim de bom grado sempre que eu exigir, e sua vida será fácil. Você será tratada com honra aqui neste nave, como companheira de um comandante aritiano. Desafie-me - e você será punida até aprender a obedecer.

Ele acenou com a mão novamente. O campo de força que me prendia à cama desapareceu.

— Agora, abra suas pernas e prepare-se para receber seu mestre.

Capítulo quatro

Mantsk

Eu arrisquei liberar a fêmea. Eu poderia tê-la fodido enquanto ela estava presa com facilidade pelo campo de força, aliviando meus desejos e iniciado o processo de impregnação. Minhas responsabilidades me ofereceram pouco tempo para essas atividades, e o caminho mais sábio seria fazer exatamente isso. Mas teria um prazer pequeno em bombear minha semente em um corpo rígido e sem resposta. Eu preferiria dominá-la do meu jeito.

Prometi castigo por desobediência e, se ela escolhesse esse caminho, logo descobriria que sempre cumpria minhas promessas. O campo de força foi desativado, a fêmea flexionou os braços e se moveu para sentar.

— Não.— eu lati. — Eu ordenei que você separasse suas pernas. Este é seu único aviso. Se você não obedecer, a punição será rápida e severa.— Chutei minhas calças caídas para o lado, para que elas não atrapalhassem meus movimentos.

— Quem você pensa que é?— ela exigiu, bochechas corando rosa. — É uma violação de todos os tratados escravizar os cidadãos da Federação Interestelar. A retaliação será rápida e severa.

Gostei muito que ela me voltasse minhas palavras de maneira tão desrespeitosa. — Você fez sua escolha.

Agarrando-a pelos pulsos, arrastei-a pela cabine até um espaço vazio na parede e apliquei a mão no meio das costas enquanto prendia os braços acima da cabeça com o campo de força destinado a manter armas e ferramentas no lugar durante turbulências nas viagens espaciais. Afastando suas pernas, eu as amarrei também e grunhi de satisfação por ela estar cercada por meus pertences. Uma espada do meu falecido pai, vários punhais de vários comprimentos, um rolo de cordas, entre outros. Os itens que usei no meu trabalho e prazer. Adequado para

a fêmea se juntar a eles. Logo aprenderia que não era mais do que isso. Outro dos meus pertences.

— Seu chanceler lhe ofereceu como escrava, para que seu corpo seja usado como escolhermos.— Eu tracei um dedo no meio das costas dela, sua pele de cor creme e tão suave como se teias se juntassem para tecer um tecido para o nosso filho. Seu rosto já estava vermelho quando ela gritou comigo. Ela também mostraria outras cores, como nosso pessoal fez? Eu estava ansioso para descobrir.

Os campos de força a seguravam no pulso e no tornozelo, mas ainda permitiam que ela brincasse. Alguma luta. A luxúria se acumulou em mim ao vê-la se contorcendo ali.

— Eu não sou escrava de ninguém.— ela disse. — Especialmente sua.— Ela ofegou com a bochecha pressionada contra a parede enquanto tentava virar a cabeça o suficiente para me ver. — Não me toque.

— Ah, mulher, você tem muito a aprender.— Dei um beliscão na nádega dela. Não poderia ter doído muito, mas ela soltou um grito alto. -— Devo voltar à ponte em breve, mas arranjarei tempo para sua primeira lição. Você pode me agradecer.

— Ogradecer?— ela gritou, lutando mais.

— Obrigada, mestre.— eu treinei, satisfeito com o nosso progresso.

— Eu realmente não estava te agradecendo, você... você, oh sua escória alienígena. Agora, envie-me de volta para a Terra e não vou te matar pelo que você já fez.

A primeira risada que eu soltei desde a tragédia atingiu nosso planeta borbulhou dentro de mim enquanto eu puxava minha palma para trás e batia em seu traseiro. A marca da minha mão ficou vermelha, mais profundo do que o rubor nas bochechas dela que também retornara. — Você exibe outras cores?— Que intrigante.

— O que?— Ela puxou o braço dela, grunhindo com esforço. — Exibir outras cores?

Eu me mudei para o campo de visão dela, enrolando sua longa trança marrom avermelhada em volta do meu punho. — Sim. Com seus estados emocionais? Como nós fazemos.

— Oh, querida Deusa.— Ela parou de se mexer. — Você é... você tem quase a mesma cor disso, aquela coisa entre as pernas. Roxa.

— Claro.

Ela piscou rapidamente, os cílios cobrindo seus olhos verdes. Era uma cor rara em Arythios, vista apenas nas ervas longas e onduladas de uma região. Eu estava ansioso por isso. Eu tinha visto poucas fotos do seu povo, mas elas pareciam ter várias tonalidades, então parecia possível. — Por favor, me decepcione.

— Após o seu castigo, podemos discutir essa possibilidade.— O lembrete me trouxe de volta à necessidade de concluir esse processo antes de passar para outras coisas.

— O que? Não, eu... Um grito substituiu suas palavras enquanto eu passava minha palma dura pelas duas nádegas dessa vez, uma vez e outra vez. — Pare!

— Você não vai me dar ordens.— Eu ganhei velocidade, batendo nas bochechas dela de novo e de novo, observando com interesse as minhas impressões das mãos se sobreporem em um tom rosa profundo. — Sua carne responde com uma cor tão agradável.

Minha fêmea sacudiu seus braços e pernas, no processo apresentando seu traseiro castigado avermelhado em minha direção, e eu continuei a bater nele, observando o rosa escurecer em vermelho. — Eu disse pare! Pare com isso, seu monstro alienígena!

— Desrespeito só ganhará mais punição, mulher.— Punição, Gostei muito dessa idéia. Fazia muito tempo desde que tive uma mulher sob meus cuidados, e eu levo minhas responsabilidades a sério. Eu ofereceria a ela um castigo construtivo pelo tempo que fosse necessário para ajudá-la a se adaptar à sua nova vida, como era meu dever como seu mestre. Eu aumentei meu aperto em suas mechas trançadas. — Você está pronta para se desculpar por seus crimes? Ser uma mulher obediente?

Sua respiração veio em calafrios, e ela conseguiu desviar o rosto, mas suas palavras eram claras. — Quando o inferno congelar.

A expressão não era familiar para mim, mas continha uma promessa de conformidade futura. Progresso. — Muito bem.— Não

familiarizado com a espécie, optei por não aplicar mais punições no momento. Eu não queria causar danos a longo prazo ao corpo que precisava para carregar meus filhotes. — Devemos esperar que isso aconteça em breve.— Soltando seu pulso e tornozelos com um pensamento, arrastei-a pelos cabelos para a mesa de aço a que ela estava presa antes, a inclinei sobre ela e depois afastei as pernas. — Voltarei da ponte em breve, portanto não posso poupar mais tempo para suas lições sobre deportação. Você permanecerá como eu a coloquei, ou devo entrar no campo de força novamente?

— O inferno não congelou ainda?— ela rosnou, olhando para mim por cima do ombro.

— Eu não sei onde é esse lugar, mas até que possamos saber se está congelado ...— Eu puxei as mãos dela acima da cabeça e as amarrei ao campo de energia. — Apenas uma precaução.— Eu examinarei suas partes reprodutoras. Endireitando, levantei a mesa ao nível dos olhos e me movi entre as pernas dela. — Oh, o mesmo rosa escuro que suas bochechas.— Eu descansei uma mão em suas nádegas punidas, agora exibindo um tom de roxo, a mais erótica das cores, sob as minhas marcas de mãos. — Mas mais leve que aqui.— Ela estremeceu, mas, com as pernas balançando e as mãos amarradas, tinha poucos meios de lutar comigo.

Ela era formada não muito diferente das nossas fêmeas, mas menor, e quando enfiei um dedo na abertura da frente, achei mais apertado também. Ela estremeceu, mas não disse nada. — Em breve, implantarei minha semente no seu ventre.— Esfreguei o polegar sobre um pedaço de carne, meu apetite se intensificou com a antecipação e o canal dela deslizou com um fluido sedoso. — Se nossas espécies são tão parecidas quanto nossos cientistas acreditam, a aplicação do prazer oral pode ajudar na impregnação.— Eu enfiei meu dedo nela, satisfeito com a lubrificação adicional que se seguiu.

— Não se atreva.— ela gemeu, mas seus quadris empurraram para trás em minha direção. Meu pênis estremeceu, as pontas se curvando em sua direção, suas próprias gotas lubrificantes emergindo, preparadas para facilitar seu caminho. — Eu vou... eu vou...

— Você vai obedecer.— E eu cobri seu botão rosado exposto com a minha boca, substituindo meus dedos pela ponta da minha língua. Eu a lambi de frente para trás, saboreando a doçura da excitação feminina e finalmente chupando seu clitóris, provocando-o com os dentes enquanto seus protestos passavam de indignação a choramingar a gemidos que fizeram meu pau se esticar em direção a ela. Enfiei meus dedos em suas belas nádegas vermelhas e roxas, e ela tremeu. Prazer e dor. Eu traria para ela os dois, com o tempo, e ela rastejaria até mim para obtê-lo. Uma escrava sexual, foi para isso que ela foi enviada, o que seu povo a considerava. Levar minha jovem prole traria honra a alguém como ela, honra que, se nossas mulheres não tivessem sido assassinadas, nunca teria sido dela. Ela aprenderia a apreciar o presente que recebera.

Eu empurrei minha língua em seu canal, sentindo-a agarrar até aquele apêndice estreito. Dentro e fora, uma prévia do que meu pau faria em momentos. Seus gemidos ininteligíveis me contaram sua prontidão, e eu me afastei o suficiente para abaixar a mesa e trazê-la para as partes molhadas, inchadas e avermelhadas.

— É uma grande honra para você, fêmea.— Eu a lembrei com um forte golpe em sua bunda, então eu trouxe meu pênis para sua abertura, assistindo eles trabalharem para dentro.

Capítulo Cinco

Jess

Oh doce Deusa! Eu não queria gostar disso. Não queria que minha buceta se molhasse ou meu clitóris latejasse. Mas fazia tanto tempo desde que eu senti mãos masculinas firmes correndo sobre a minha pele, uma língua quente e molhada traçando minhas dobras apertadas. Provocar-me. Me tentando. Fechei os olhos e cedi às sensações. Para minha surpresa, as palmadas firmes que o alienígena deu em meu traseiro provocaram uma chama de luxúria no fundo da minha barriga.

Quando as cabeças lisas começaram a torcer para dentro, voltei à realidade. Este não era um sonho sexual excêntrico. Um alienígena estava prestes a me foder. Com seu pênis alienígena roxo-escuro e com várias cabeças.

Eu surtei. Começou a lutar. Mas ele me curvou sobre a superfície fria de metal, esticou meus braços sobre minha cabeça e os prendeu lá com o campo de força invisível que me mantinha imóvel. Minhas pernas pendiam acima do chão, tornozelos bem abertos, como se estivessem presos a uma barra de separação. A única coisa que eu conseguia mover era minha bunda, e eu congelei quando percebi que mexer estava ajudando-o a trabalhar seu pau.

Duro e suave, mais quente que os dedos. Massageando minhas paredes internas, cada uma se movendo de forma independente. Seu pênis - paus? - pareciam saber instintivamente onde acariciar, onde subir. Eu gemia quando alguém atingia meu ponto G, então soltava um grito quando uma cabeça diferente começou a esfregar outro lugar ao mesmo tempo.

Ele encontrou pontos doces que eu nem sabia que tinha, enfiando seus dedos nos meus quadris e me puxando com força contra sua virilha enquanto seu pênis continuava sua exploração lenta. Quando ele

começou a entrar e sair, eu estava perdida. Afoganda em luxúria, afundando cada vez mais a cada investida poderosa.

A sanidade voltou quando senti meu orgasmo aumentar. Eu desligo, me recusando a ser uma vítima disposta. Eu seria condenada se desse a essa criatura a satisfação de me levar prisioneira, espancar-me, forçar-se a mim e descobrir que ele poderia me fazer gozar. Apertei minhas mandíbulas para reprimir os gritinhos que estava fazendo, parei de apertar contra ele. Eu não podia lutar com ele... *não, pare de pensar sobre isso. Você sabe que estar desamparada o excita* ... e imaginei sua pele alienígena cinza, seus frios olhos alienígenas pretos. Não vou me deixar excitar. Não é Damon me fodendo.

-Não, Damon não tinha um pau de várias cabeças que podiam se mover em todas as direções ao mesmo tempo. Ele nem possuía um brinquedo sexual que pudesse fazer isso.

Cale a boca, Jess. Apenas cale a boca.

Por quê? Porque você vai se lembrar que descobriu que Damon estava transando com duas outras mulheres além de você? E quando você o confrontou, ele disse: — Farei o que quero e você aceitará. Eu não pertenço a você. Você pertence a mim.

Pensar em Damon ajudou. Deitei imóvel na mesa, tão fria quanto a superfície de metal duro embaixo do meu corpo. O alienígena grunhiu e saiu.

— Por que você parou de responder?— Ele não parecia chateado, como Damon teria ficado se eu tivesse congelado durante uma cena. Parecia apenas intrigado.

— Respondendo? Eu não estava *respondendo!*— Minha voz subiu com raiva, provavelmente porque ele estava certo. Eu não tinha apenas acabado de responder. Eu estava prestes a explodir, mas não queria admitir isso para ele. Ou para mim mesma. — Eu não sei quais são seus rituais de acasalamento, mas no meu planeta um homem não amarra uma mulher, se força a ela e espera que ela goste!

Mentirosa. É exatamente assim que você gosta .

—— Não, eu não sou assim. Damon era diferente. Eu escolho quando gozar.— eu falo

— Sim, você optou por gozar primeiro. Mas então você parou. O que é um damon e por que é diferente?— Embora ele tivesse se retirado, seu pênis ainda estava entre as minhas pernas, as cabeças quentes e macias sensualmente acariciando meus lábios externos como os dedos de um amante durante as preliminares.

Droga. Eu não quis dizer isso em voz alta. Eu não poderia continuar discutindo com a voz na minha cabeça e o pau esfregando minha boceta ao mesmo tempo.

Eu nunca fui boa em mentir... *só para mim mesma*... mas pensei rápido e criei um. — Damon não é um quê, é um quem. Ele é meu... meu companheiro em casa na Terra. Ele também é comandante de uma nave estelar e vem atrás de mim. Ele é muito ciumento. Ele vai te matar se descobrir que você me tocou. Me envie de volta antes que seja tarde demais. Vou dizer a ele que você me soltou assim que percebeu que tudo isso era um mal-entendido.

Ele deu um passo para trás. O campo de força desapareceu tão rápido que quase deslizei no chão. A esperança surgiu no meu peito. *Funcionou!*

O alienígena me agarrou antes de eu cair. Segurando meus braços, ele então me virou e me sentou na mesa. Estremeci quando meu traseiro ardido encontrou a superfície de metal duro.

Ele levantou meu queixo para encontrar seus olhos. O tom cinza voltou ao rosto e ao corpo. Ou talvez nunca tenha saído, e eu só imaginei que ele mudou de cor.

— Você tem um companheiro?

Eu assenti vigorosamente. — Sim. Um grande companheiro forte.

— E filhos?

Talvez ele estivesse mais inclinado a me deixar ir se pensasse que deixaria os pequenos terráqueos sem mãe. — Sim, vários filhos.— Eu não tive que recorrer a habilidades de atuação inexistentes para evocar as lágrimas nos meus olhos. Eu queria desesperadamente ter filhos, tentei conversar com Damon sobre isso, mas ele continuou dizendo que não estava pronto. Não estava pronto para o casamento, não estava pronto para ter uma família.

Mas, aparentemente, sempre pronto para foder quem balançar a bunda na frente dele .

Ok, Jess racional. Você pode parar de me chatear por ser tão ingênua.

— Não.— O alienígena soltou meus braços, repetiu mais alto. — *Não* . Seu cônjuge nunca permitiria que você o deixasse, deixasse sua prole, partisse para uma missão em um mundo desconhecido.— Uma faísca em brasa de raiva brilhou nas profundezas negras de seus olhos. — Você não está me dizendo a verdade.

Em um movimento rápido, ele agarrou meus pulsos, puxou-os sobre minha cabeça e me puxou de volta para a mesa, com a face para cima. Abrindo minhas pernas, ele engatou no campo de força novamente, então eu não pude me mover. Eu me preparei para outro ataque de seu pau perversamente talentoso, mas, em vez disso, ele atravessou a sala e pegou um item da variedade de objetos de aparência ameaçadora espalhados pela parede.

— Tenho negócios a tratar. Não posso lidar com seu comportamento inaceitável no momento. Talvez uma sessão com cybellus esteja em ordem.

Ele abriu um cilindro metálico e pegou uma substância cinza-azulada com uma consistência pastosa entre gelatina e argila de modelagem. Ele colocou uma pequena bola em cada um dos meus seios, depois espalhou o resto entre as minhas pernas. Escorregadia e fria no começo, a substância começou a esquentar quando tocou minha pele.

Eu me contorci em cima da mesa, mas o campo de força era inquebrável. A substância aqueceu rapidamente e começou a se espalhar, provocando uma sensação de formigamento. — O que você está fazendo? O que é isso?

— É cybellus. Nós usamos... - Sua voz vacilou. — *Usamos* para manter nossas fêmeas em constante estado de excitação quando queríamos gerar filhos. Depois de algumas horas de cybellus, você ficará muito mais receptiva às minhas atenções.

Ele se dirigiu para a porta e depois parou. — O cybellus acelera o desejo deixando tão dolorido que você vai implora pela minha

masculinidade para satisfazê-la quando eu voltar. Mas primeiro, haverá punição por mentir para mim. Prazer, depois dor, depois mais prazer.— – fica ainda mais doce depois da dor.

Ele fechou a porta atrás de mim, deixando-me mais uma vez na escuridão total, incapaz de me mover. A pasta nos meus seios deslizaram, atingindo meus mamilos, e as sensações de formigamento se tornaram pequenos choques elétricos. A bolha maior começou a escorrer sob o capuz que cobria meu clitóris, afastando a dobra da pele e engolindo o pequeno nó.

A falta de visão intensificou meus outros sentidos. Engoli em seco e de repente percebi o gosto persistente do esperma do alienígena. Meu cérebro me disse para ficar com nojo. Meu paladar despertou com a sugestão de algo identificável entre picante e doce e lembrou meu estômago que eu não comia nada há horas. Talvez dias.

Mas o que aconteceu a seguir levou todos os outros pensamentos da minha mente. A bolha entre minhas coxas de repente começou a pulsar. Minha boceta inundou.

A substância reagiu como se estivesse programada para atingir um novo nível quando captou o cheiro da minha excitação. Engoli em seco quando as gotas gêmeas de matéria sobre meus mamilos emitiram um pulso de resposta, fazendo-os apertar em pequenos picos. Eles apertaram como as pontas dos dedos de Damon sempre faziam, beliscando com força até eu gritar.

Então grito novamente, mais alto, quando a massa escorregadia sobre meu clitóris irrompeu em ondas rítmicas e quentes. Meus calcanhares bateram na mesa fria e dura, quando meus quadris se ergueram automaticamente.

O ataque continuou pelo que pareceu uma eternidade, me levando mais alto a cada pulso formigante. Quando eu estava prestes a gozar, tudo cessou, me deixando ofegando na escuridão.

Eu caí contra a superfície dura, frustrada. Momentos depois, senti um formigamento nos mamilos, depois um choque no meu clitóris ainda latejante. O cybellus começou a trabalhar novamente, me levando para o limite mais rápido dessa vez, me mantendo lá por mais tempo.

O tempo deixou de existir. Eu ofeguei e amaldiçoei enquanto a coisa maldita passava ciclo após ciclo, gritando para o alienígena me libertar, depois chorando e implorando para que ele viesse me foder. Pronta para fazer o que ele ordenou, se ele apenas parasse esse tormento insuportável.

Capítulo Seis

Mantsk

Quase me matou deixá-la lá, sabendo que em instantes ela estaria pronta para qualquer coisa que eu quisesse fazer. Ela me imploraria para levá-la repetidamente e, mesmo depois de limpá-la da substância, se eu quisesse, ela permaneceria excitada até que minha semente se firmasse. As mulheres de nosso povo tornaram-se geneticamente difíceis de engravidar e, até que nossos cientistas desenvolvessem cybellus, poucas estavam dispostas a se envolver com a frequência necessária para atingir os jovens.

Não que fossem de natureza fria, não quisessem engravidar ou não gostassem de sexo, apenas que eram necessárias muitas e muitas vezes e tendiam a desgastá-las. Apesar de quase enlouquecerem de desejo pela aplicação, era recomendado pelo médico de fertilidade e quase 100% eficaz.

E, apesar de nenhuma fêmea estar a bordo desta nave, o cybellus estaria disponível na enfermaria do navio, caso isso sempre fosse necessário.

Ele me foi fornecido assim que os médicos descobriram que em breve eu teria uma mulher em meu quarto.

Parando do lado de fora da ponte, eu quase me virei, o chamado da minha mulher forte em minha mente. Era impossível para mim sentir o cheiro de sua excitação daqui, a vários decks de distância, mas isso me assombrava. Provavelmente agarrada às minhas roupas. Se eu voltasse agora, como todas as minhas fibras me pediam, ficaria em meus aposentos por horas, e o dever insistia em garantir que tudo estivesse a bordo do navio antes de fazê-lo.

Se não fosse pelas circunstâncias, a iminente extinção de nossa raça, eu nunca consideraria me entregar às coxas de uma fêmea por um longo período de tempo enquanto capitão desta nave. Certamente, eu tinha aproveitado os recursos de um asteroide de prazer ou dois, mas

eles também forneciam amarras seguras onde o ataque era altamente improvável. As fêmeas eram de espécies incapazes de se reproduzir com a nossa e, na maioria dos casos, esterilizadas; portanto, embora proporcionassem diversão, não ofereciam solução para a nossa situação.

Enquanto eu me demorava, a porta da ponte se dissolveu e eu enfrentei meu segundo em comando. Ele estava corado, quase da cor que minha fêmea virou quando irritada. Talvez nossas espécies estivessem mais próximas do que eu pensava. — Capitão, estou feliz em vê-lo aqui. Não desejávamos incomodá-lo, mas os sistemas de navegação captaram um possível sinal de nossos inimigos nesse vetor.

— Mostre-me.

Forcei as imagens e os aromas da minha fêmea exuberante e fértil no fundo da minha mente e o segui. Vários oficiais se reuniram ao redor da mesa iluminada, discutindo sobre um pontinho tão pequeno que ninguém poderia determinar sua origem, mas o sistema estava reagindo a ele de uma maneira que não podíamos ignorar. Aqueles que infestavam nosso planeta seriam exterminados onde quer que os encontrássemos; portanto, com um pensamento final na fêmea, sem dúvida, se contorcendo em seus laços em minha câmara, ordenei nosso curso e assumi a capitania.

Depois de uma rotação completa, chegamos perto o suficiente para determinar que a ameaça era realmente de origem inimiga. Mas, em vez de uma ameaça ativa, parecia ser uma casca queimada, restando apenas o metal leve e resistente que já sabíamos ser indestrutível. A embarcação estava à deriva há algum tempo e quem fora responsável por sua morte havia feito um trabalho completo. Nenhuma ameaça por si só, mas uma indicação de que aqueles que assassinaram nosso povo estavam no vetor. Se haviam outros, não vimos sinais deles. Uma vez que nos coloquei de volta no caminho para um agrupamento de estrelas que pensávamos ter possibilidades para a nossa missão secundária de encontrar um planeta habitável, porém desabitado, deixei a ponte. Após nossa experiência com a Federação, tínhamos poucas esperanças de que um planeta povoado nos desse boas-vindas.

Cansado e desanimado, eu corri para os meus aposentos. Uma vez que não tinha sobrado o suficiente para aprendermos muito sobre a antiga tripulação da neve, deixamos passar. Se chegássemos a algum lugar perto de nosso planeta natal, estaríamos enfrentando uma ameaça que não entendemos suficientemente bem para derrotar, portanto, todos os dados eram críticos. Voamos remotamente por um ônibus espacial através do casco para coletar vídeos e amostras do metal, mas não parecia promissor. Depois de encaminhar as informações ao comando da frota, não havia mais nada que eu pudesse fazer. Eles nos informariam de suas descobertas.

Parei do lado de fora da minha sala, quase cansado demais para acenar com a mão para dissolver a porta, mas um gemido baixo soou de dentro, acompanhado pelo cheiro da excitação da minha mulher. Meu pau voltou a vida, seguido pelo resto de mim.

Eu não a esqueci. Como eu poderia? Mas meu dever, minhas responsabilidades para com o meu povo sempre substituem minhas próprias necessidades. Mais agora do que nunca. Quando aceitei minha comissão, imaginei um tipo totalmente diferente de comando - um com muito menos desespero.

Quando as moléculas se separaram e as luzes interiores se acenderam, revelando meus aposentos e sua habitante, lembrei-me de que esse também era meu dever. Se os cientistas e médicos estivessem errados e não pudéssemos engravidar essas fêmeas, estaríamos extintos dentro de uma única geração.

E eu recebi a honra da primeira mulher. Por enquanto.

Respirando fundo, eu inalei seus aromas - excitação, suor e medo. Mas esse último foi leve, o cybellus fazendo o seu trabalho tanto em humanos quanto em nossas fêmeas. Eu falei com ela com confiança sobre seu efeito, mas é claro que ela foi a primeira do gênero a ser submetida a isso. Seus suspiros e estremecimentos me disseram muito sobre como funcionava. Parando na porta, dei uma mensagem para a equipe médica para garantir que cada homem na minha posição recebesse uma quantia substancial antes de tentar montar sua fêmea. Algumas poderiam ser receptivas sem ele, mas por que arriscar?

Ansioso obriguei-me a me despir sem pressa e coloco meu uniforme no limpador, como sempre. Minha fêmea não estava indo a lugar nenhum até que eu permitisse. Contornando a mesa, limpei um pouco do cybellus e captei as semelhanças e diferenças entre nossas espécies. Os seios dessa fêmea eram maiores que a maioria das nossas, com mamilos menores e mais escuros. Talvez um pouco pequeno para alimentar as crianças. Tudo o mais nela era mais cheio, curvilíneo e mais suntuoso do que as mulheres magras do nosso mundo.

— O que você está olhando?— ela mordeu. — E o que você fez comigo?

Pego um mamilo entre o polegar e o indicador e belisco com força. Suas costas se arquearam sobre a mesa, apenas os braços e pernas atados a mantiveram no lugar. — Por que você está me fazendo uma pergunta que você já sabe a resposta, mulher?— Belisquei com mais força, fascinado ao ver seu mamilo crescer pontudo e firme sob o meu toque. Talvez eles pudessem ser treinados para ficar maiores com alguma atenção.

— Eu estou com dor. Eu quero...

Fui em direção à parede e considerei alguns grampos — Vou lhe dar o que você quer, a tempo.— Um par de dispositivos dentados combinando com uma lâmpada astuciosa no final de cada um chamou minha atenção, e eu os peguei e voltei para o lado dela. — Fica quieta, mulher.

Ela não obedeceu, mas eu podia perdoá-la ao ver com estava se torcendo e contorcendo. O cybellus estava trabalhando, e eu achei a resposta dela bastante atraente. Depois de colocar um dos grampos em uma pequena mesa ao lado, abri o outro, fechei-o sobre o pico esquerdo e o ativei. Ela tremeu, choramingando, mas eu ajustei a configuração até que sua carne inchou ao redor dela antes de voltar para alcançar o segundo grampo.

— O que? Não, não faça... ohhhh.— Um calafrio a percorreu quando eu apliquei o outro dispositivo no mamilo direito e toquei na almofada para apertá-la. Os dentes minúsculos morderam sua carne, não quebrando a pele, mas já aumentando a plenitude de seus

mamilos. Toquei o teclado novamente e uma bomba minúscula entrou em ação. Embora eles nunca tivessem sido usados dessa maneira antes, eu me orgulhava de sua multifuncionalidade.

— Sim, excelente. Vê o quanto seu mamilo está crescendo?

— Mas por que, oh meu Deus, quem fez esses instrumentos de tortura?

— Eu sou um inventor, e isso visa ajudar a afrouxar parafusos difíceis do lado de fora da nave. Mas acredito que eles funcionam bem nesse caso, para prepará-la para alimentar nossos filhotes.— Cantarolando, ajustei o segundo grampo e liguei. — Muito bom.

Ela ofegou, choramingando e soluçando. — Você é louco. O que faz você pensar que eu quero ter seus bebês? Eu te disse que tenho um companheiro. E já tenho filhos. Eles precisam de mim.— Por um instante, ela para. — E eu os alimentei muito bem, obrigada.

Movendo-me para o pé da mesa, ajustei os campos de força para trazer suas nádegas até a borda e observei suas partes femininas rosadas e brilhantes. — Você mentiu, mótipo pelo qual será punida mais tarde. Nenhum homem permitiria que você deixasse seus filhotes sem cuidados enquanto você se diverte com outros homens.

Seus seios arfavam, as minúsculas bombas puxando os mamilos, suas pontas escurecendo e inchando ainda mais. Eu continuei em um tom severo que teria alertado qualquer um dos meus tripulantes sobre o meu descontentamento. — E, portanto, você nunca alimentou um bebê, então permita-me ajudá-la enquanto implanto um no seu ventre.

— Eu não sua seu maldita reprodutora.— Ela resmungou e gemeu, menos observadora do que o meu tripulante, ou talvez com um senso mais fraco de autopreservação, mas voltei minha atenção para suas partes femininas, minhas extensões penianas já acariciando suas coxas. Suas pétalas inchadas brilhavam, escorregadias com seus sucos, mais do que preparadas para o acasalamento.

Capítulo Sete

Jess

Sim! Deusa doce sim, foda-me. Faça isso agora!

De alguma forma, eu consegui evitar gritar alto. Mas depois do cybellus eu estava tão quente, tão carente. Desesperada por ter seu pau dentro de mim, me enchendo. Não importava que ele era um alienígena. Por horas, eu estava desejando aquelas cabeças múltiplas tentadoras, fantasiando sobre como elas afagariam minhas paredes internas.

Não pude conter um gemido quando elas entraram, lisas e quentes. E soltei um grito sem palavras quando a dor e o prazer se fundiram quando ele aumentou a pressão nas bombas dos mamilos.

Seu primeiro impulso forte me levou ao limite, o clímax tão intenso que me deixou tremendo.

— Sim, isso é bom.— ele murmurou. — Quanto mais você gozar, melhores serão as chances de plantar minha semente.— Ele se afastou e eu senti as pontas acariciando meus lábios da buceta novamente. Eu gemia e empurrei meus quadris para cima, faminta por mais.

Ele fez aquele barulho baixo e áspero novamente, o que eu teria dado uma risada se ele fosse humano. — Você gosta disso? Muito bem, humana. Pegue. Pegue tudo.

Eu gritei então. Gritei e resisti contra ele quando ele bateu em mim. As várias cabeças de seu pênis se espalharam e depois se retraíram quando ele se afastou. Torceu o caminho para dentro, cada vez mais amplo. Me enchendo, me fodendo, enquanto a pressão nos meus mamilos aumentava. Meu orgasmo aumentou, onda após onda de dor / êxtase extraordinários me levando mais alto.

Eu esqueci que ele era um alienígena, esqueci que ele provocou e me atormentou com cybellus por horas para me levar a esse ponto. Todo o meu ser centrado no pau dentro de mim. Cinco cabeças, movendo-se

de forma independente, todas me fodendo ao mesmo tempo. Sacudindo, acariciando e depois pulando para frente e para trás, um após o outro.

Meus gritos se tornaram um grito interminável quando eu subi na borda. Ele deu um grunhido satisfeito e saiu no meio do caminho.

— Abra seus olhos, mulher. Quero olhar para eles quando plantar minha semente em você.

Ofegando, eu caí contra a mesa. Seu perfume encheu meus pulmões. Escuro, almiscarado, com uma pitada de algo picante e exótico. — *Não*, é demais. Não posso... não aguento mais.

— Você pode e você vai.

Ele começou a se mover novamente, me atraindo com a força do seu olhar. Eu estava hipnotizada, incapaz de desviar o olhar. Seus olhos penetraram na minha alma quando seu pau deslizou, grosso e duro.

Desta vez, não houve afago suave, nem carinho. Ele bateu em mim, e a Deusa me ajudou, eu adorei. Eu encontrei seus impulsos, apertando meus quadris contra ele enquanto aquelas cabeças alimentavam as chamas da minha luxúria.

Quando o primeiro pulsou, depois jorrou, minha buceta explodiu, apertando em torno de seu pênis. Ele gemeu e dirigiu profundamente dentro de mim. O fogo líquido de outra cabeça banhou minhas paredes internas. Eu resisti contra os laços que me seguravam, apertando a buceta enquanto as cabeças disparavam uma após a outra.

Seu corpo ficou mole e ele se afastou e caiu ao meu lado sobre a mesa. Seus olhos se fecharam, e o campo de energia que me prendia lá de repente liberou seu domínio. Suspirando de alívio, abaixei meus braços.

Meus braços! Eu podia mover meus braços. Foi quando me atingiu. Ele estava tão decidido a me foder quando entrou que esqueceu a porta aberta. E eu estava tão desesperada para ser fodida que nem me preocupei com alguém aparecendo e olhando para nós.

Timidamente, flexionei os tornozelos e passei uma perna sobre a mesa. Eu estava livre do campo de força, mas a Deusa sabia apenas quanto tempo levaria antes que ele me ligasse a ele novamente.

Ele poderia ter ser uma estrela do rock interestelar quando se tratava de foder, mas ele ainda era um alienígena. Esperei uma fração de segundo, depois pulei da mesa e corri para a porta aberta, arrancando os grampos dos mamilos enquanto andava.

Foda-se! Eu soltei um grito, quase caí no chão quando uma onda de dor atingiu quando o fluxo sanguíneo voltou. Eu já estive amarrada antes, mas Damon nunca tinha usado grampos de mamilos em mim.

Eu corri para o corredor, completamente nua, e comecei a correr às cegas. Nenhum plano, nenhuma idéia para onde eu estava indo. Apenas um refrão tocando na minha cabeça a cada passo. *Caia fora. Caia fora.* Atrás de mim, ouvi um berro zangado.

Virei uma passagem lateral escura e entrei pela primeira porta aberta, depois parei, o peito arfando. Eu estava em outra sala cinza. Paredes, teto, piso - todas de uma cor monótona, incluindo pilhas de tecido empilhadas em todas as superfícies disponíveis.

Perfeito. Uma despensa. Eu pensei que encontraria algo para cobrir minha pele clara, para que eu pudesse me esconder nas sombras. Percorreria silenciosamente os corredores mal iluminados. Encontraria o centro de transporte, esperaria minha chance e escaparia.

Eu sei que fui estúpida e ingênua. Pensando que eu poderia me esconder indefinidamente em uma espaçonave alienígena e descobrir como operar seus equipamentos de transporte para escapar. Mas em minha defesa, eu tinha sido provocada e atormentada sexualmente por horas, depois fodida com tanta força que meu cérebro tinha desligado. Olhando para trás, era uma maravilha eu ter sido capaz de colocar um pé na frente do outro. Tudo o que eu queria era me enrolar numa bola sobre algo macio e adormecer ronronando.

Logo depois de transar com ele novamente.

O pensamento surgiu espontaneamente em minha mente. A racional Jess se intrometendo onde não era chamada. Eu a desliguei, procurando freneticamente as pilhas para encontrar algo que eu pudesse envolver em meu corpo. Eu comecei a tremer incontrolavelmente, e minha cabeça doía novamente. Eu tinha esquecido tudo sobre isso por

um tempo. Ser fodida por um arythian funcionou melhor do que qualquer analgésico que eu já usei.

— Pena que não podemos engarrafar esse pau.— eu murmurei, pegando o maior pedaço de pano que eu poderia encontrar e envolvendo-o ao redor do meu corpo. - Não engarrafe, boba. Você pode iniciar um novo negócio quando voltar para casa. Projete um vibrador que funcione como seu pênis. Você fará uma fortuna.

Eu ri, em seguida, bati a mão na minha boca. O que estava errado comigo? Eu me senti tonta e confusa. Meu corpo inteiro estava tremendo, e eu podia jurar que senti seu esperma quente correndo pelas minhas veias como uma febre.

Eu me forcei a me concentrar. Fuga. Eu tinha que me esconder e encontrar uma maneira de escapar.

Neste mundo cinza, meu cabelo vermelho e minha pele branca se destacariam como um polegar dolorido. O tecido que peguei não era uma peça de roupa. Grande e quadrado, mais um lençol ou cortina. Coloquei-o na minha cabeça, puxando as bordas para baixo como um capuz para esconder o máximo possível do meu rosto, depois envolvi meu corpo com o resto. Muito fina para fornecer qualquer calor real, não fez nada para me impedir de tremer.

Eu me arrastei até a porta e arrisquei uma espiada. Sem sons, sem sinal de ninguém.

Se eu tivesse em meu juízo normal, isso seria suficiente para me dar uma dica. Esta nave estelar tinha um prisioneiro alienígena que escapou à solta. Deveria haver guardas nos corredores, me procurando de porta em porta.

Mas como eu disse antes, eu tive meu cérebro fodido.

Corri pelo corredor escuro, passando de porta em porta, todas fechadas. Não parecia haver maneira de abri-las. Não havia botões que eu pudesse ver, nem dobradiças. O tremor ficou pior e minhas pernas tremeram como se fossem gelatina. *Ou cybellus.* Dissolvendo-me em outro acesso de risadinhas, caí no chão e deixei o cinza me engolir.

Braços fortes me levantaram, me puxaram para perto. Calor fluiu através de mim, aliviou o tremor em meus braços e pernas. Eu não lutei. Eu reconheci seu perfume distinto, a testosterona crua com aquele toque de tempero exótico.

— Pequena tola.— Suas palavras eram de raiva, mas senti algo mais em seu tom. — Você não pode se levantar e correr depois do acasalamento. Seu corpo está em um estado enfraquecido, usando toda a sua energia para se adaptar.

Adaptar ao quê? Eu queria perguntar, mas estava tão cansada. Inclinando minha cabeça em seu peito, deixei que ele me carregasse pelos corredores como um bebê em seus braços.

— Eu esperava lhe conceder alguma liberdade depois de recuperar suas forças, mas agora vou ter que puni-la por fugir.

Capítulo Oito

Mantsk

O que eu não disse a ela era que meu corpo também estava se recuperando. O sexo com uma mulher aproximava os homens da desidratação e, em casa em Arythios, os companheiros que tentavam se reproduzir permaneciam em sua casa juntos por algum tempo, várias horas pelo menos, enquanto o macho bebia vários decantadores de cerveja e a fêmea devorava um grande refeição de…

Uma grande refeição. Minha fêmea estava flácida no meu peito, os olhos semicerrados, a pele ainda mais pálida do que antes. — Quando você comeu pela última vez?— Não que eu esperasse que as mulheres tivessem recebido um banquete logo antes do transporte. Horas se passaram desde então, e uma vez que eu a enchi com o meu esperma, seu corpo teria entrou em um processo de queima de calorias intensas que teria até uma fêmea aritiana bem alimentada em perigo.

— Eu não sei.— ela murmurou. — Não estou com fome.

Não, provavelmente passada de fome. No ponto em que seu sistema estava tão focado nas mudanças em seu código genético, ele não enviou mais mensagens precisas como: comer, beber, respirar.

— Vou alimentá-la de qualquer maneira, fêmea.— Mudei de direção, seguindo para a pequena galeria neste nível. O lençol caiu em algum momento, mas eu precisava que ela se alimentasse mais do que mantê-la vestida. Nada de incrível estaria disponível, mas depois de tanto tempo no espaço com poucas chances de reabastecimento, a área de jantar principal não seria muito melhor.

Eu a ajustei em meus braços e acenei para a porta. Depois que se dissolveu, entrei e a coloquei em um banco, deixando sua cabeça pousar na mesinha, depois escaneei as ofertas, esperando algo nutritivo para uma futura mãe. É claro que o nave não teria nenhum dos pratos especiais que eles valorizavam, mas ela também era mais fraca do que a maioria. E seu estômago vazio podia ser sensível, então eu escolhi uma

sopa de legumes em puré, além de três garrafas de cerveja para mim, antes de me sentar ao lado dela e colocar um braço em volta dos ombros. Sua pele nua estava fria contra a minha.

— Abra a boca, fêmea.— Bebi minha primeira cerveja enquanto esperava sua resposta.

Ela lentamente balançou a cabeça para frente e para trás em protesto fraco. — Não. Eu não quero.

Eu segurei uma colher da sopa quente nos lábios dela. — Você deve. Seu corpo será desligado se você não fornecer os nutrientes necessários para continuar se adaptando.

— Do que você está falando? E como eu sei que você não está tentando me drogar?

Boa. Mesmo que seu corpo não mostrasse espírito, sua voz sim. — Mas você certamente é inteligente o suficiente para entender que, se não consumir algo, acabará por morrer. Mesmo sem o processo pelo qual você está passando atualmente.

Ela tentou puxar meu braço, mas eu aumentei meu aperto, cutucando a colher em seus lábios. — Pare com isso. Tem um brilho estranho.— - ela murmurou entre dentes.

Provavelmente sim, já que era feita de vegetais que cresciam longe do solo de seu planeta. — Apenas coma para permanecer viva. Podemos discutir temperos quando você não estiver tão mal. Coma!

Cabeça balançando para frente e para trás, minha fêmea ganhou mais punição por desobediência, mas eu não gostei do olhar vidrado em seus olhos. Colocando a colher na tigela, considerei a melhor maneira de garantir que a mantivesse viva por muito tempo para gerar meus filhos. Ela estremeceu, os dentes batendo agora, e eu empurrei a mesa para longe, a sopa espirrando em sua superfície brilhante, e a puxei de bruços sobre o meu colo.

— Tudo bem, mulher, você vai comer, eu prometo.— Pressionando um cotovelo nas costas dela, eu engoli mais duas cervejas.

— N-não, eu... ohhh, eu sofro.— Seus arrepios ficaram mais intensos. — O que você fez comigo?

— Vou revisar novamente quando você não estiver em choque.— Levantando minha mão, eu a derrubei em suas bochechas arredondadas. Elas ainda estavam vermelhos arroxeados de antes, e o primeiro tapa deu um gemido alto.

— Pare! Você está me machucando!— Progresso.

Pousei mais duas em cada bochecha, observando-as ficarem vermelhas, minhas impressões digitais acentuadamente delineadas em sua pele. — E continuarei a machucá-la até você concordar em comer todas as porções desta refeição.

Ela era teimosa, mas eu contava que ela também estava enfraquecida e, para meu grande alívio, com menos de dez palmadas, ela estava chorando e se oferecendo para fazer qualquer coisa para me fazer parar.

Esfregando círculos em suas bochechas brilhantes, eu disse: — Você vai comer a comida— .

— Sim, sim, qualquer comida alienígena nojenta que você quiser. Só não quero mais apanhar.

— Então me peça corretamente.

— Por favor, pare... Mestre.— Ela cuspiu a palavra, mas eu recompensaria seu esforço, apesar da falta de respeito em seu tom. Ela aprenderia com o tempo.

Mergulhei meus dedos entre suas pernas e as trouxe brilhando com seus sucos. — Seu corpo está pronto para mim mais uma vez.— Minhas calças que eu vesti antes de persegui-la, estavam mais uma vez apertadas, mas o dever - meu inimigo constante - me forçou a sentar e colocar a sopa grossa na sua boca até que a tigela estivesse vazia. Então eu abri a frente da minha calça e a levantei o suficiente para que meus paus encontrassem seu caminho dentro de seu paraíso apertado e molhado.

Seus quadris eram cheios, e meus dedos afundaram na suavidade, levantando e abaixando-a, meus apêndices encontrando os pontos dentro dela que fizeram seus olhos revirando e suspiros suaves saindo de seus lábios. Seus mamilos ainda estavam estendidos dos grampos, que eu usaria novamente, mas por enquanto meus lábios se fecharam sobre um,

aplicando um tipo diferente de sucção. Ela já tinha um gosto mais picante, como eu esperaria de uma mulher se preparando para carregar um jovem, e enquanto eu fazia cócegas no pico firme, ela se contorceu, me carregando mais profundamente em seu núcleo quente.

Querendo uma penetração mais profunda eu a levantei do meu colo e deitei sua barriga sobre a mesa. Ela estava novamente rosada e um fio de sua excitação rolou pela coxa. — Você protesta, mulher, mas você já amadurece. Seu corpo anseia pela minha atenção. Eu arrastei um dedo através de sua umidade e levei até sua outra abertura, uma que eu exploraria mais tarde. — Os Evelians têm dois paus, e poderiam preencher os dois buracos ao mesmo tempo, não que você vá provar isso.— pensei, brincando com a roseta de músculos.

— Por favor, por favor, por favor... Mestre.— ela gemeu, e eu ri e dei um tapa amigável em seu traseiro.

— O que você precisa, mulher?— Eu perguntei como se meus próprios apêndices já não estivessem alcançando sua abertura cremosa.

— Eu preciso que você me foda, Mestre, por favor.

A palavra foda-me, em sua língua, não estava traduzindo, mas ela abriu mais as pernas e seu significado era claro.

— Você está aprendendo.— Eu a puxei para mais perto e dei a ela o que ela precisava, o que nós dois precisávamos. Com a porta de passagem aberta, qualquer um poderia passar, ver e invejar minha conquista. O desempenho do meu dever, de salvar minha raça, teve muitos aspectos positivos. Mas depois que esvaziei meu esperma em seu corpo, reconheci a necessidade de recuar, mantê-la em meus aposentos, para que minha boa sorte não criasse um clima naqueles que não tivessem acesso a uma das escravas ficassem com raiva o suficiente para esquecer a si mesmo e tomar medidas infelizes.

Nos vários dias seguintes, dividi meu tempo entre a ponte e meus aposentos, o dever vinculado a ambos, mas nossas viagens por um espaço quase vazio não eram tão fascinantes quanto o que estava entre as pernas da minha mulher.

Capítulo Nove

Jess

Mantsk me puxou contra seu corpo, passando um braço pela minha cintura. — Durma agora, pequena humana. Você precisa descansar enquanto seu corpo se adapta para prepará-la para carregar a prole arythiana.

Ele estava obcecado por procriação, alegando que toda vez que fizemos sexo, seu esperma estava gradualmente mudando a química do meu corpo. Eu me sentia cansada o tempo todo, mas atribui isso ao estresse de ser transportada até a metade da galáxia e depois descobrir que, com medo de ser atacada, os líderes do meu mundo haviam me dado para estrangeiros como um brinquedo de merda. Eu acho que foi a sua opinião sobre o velho ditado — Faça amor, não guerra— .

Eu estava disposta a concordar com a teoria deles, se isso significasse que eu receberia um tratamento melhor. Talvez até liberdade para explorar a nave e encontrar uma maneira de escapar. — Dormir? Onde?

— Bem aqui na cama.

Eu bati um punho na superfície fria de metal que ele insistia em que dormissemos. — Isso não é uma cama. De qualquer maneira, onde você conseguiu isso, uma venda de descarte do necrotério do condado aritiano?

Ele me deu aquele olhar perplexo novamente. — Eu não sei o que é uma venda de gatos, mas esta cama é um equipamento padrão em uma nave estelar.

— Talvez você possa dormir em um pedaço de lata fria, mas eu preciso de algo muito mais quente e suave.

A expressão sombria usual em seu rosto mudou para uma que eu quase descreveria como agradável. — Claro. Que insensato da minha parte. Você está com vontade de aninhar-se.

Aniinhar? Exatamente como eram os filhos de Arythian quando nasciam? Eu teria que pedir para ele ver as imagens que ele projetou nas paredes novamente.

— Venha comigo. Você pode escolher entre materiais de nodificação.

Ele vestiu as calças e se dirigiu para a porta, sem camisa, depois parou.

— Você precisará de roupas também.— Ele deu uma olhada no meu corpo nu. — Trajes masculinos nunca servirão. Muito grandes. E você tem mais preenchimento do que nossas fêmeas. Teremos que gerar coberturas corporais adequadas.

Ele acenou com a mão e um painel na parede se abriu para revelar um armário escassamente cheio. Mantsk considerou suas opções e me jogou uma camisa feita de tecido cinza brilhante. — Coloque isso por enquanto.

Eu estava tão cansada dessa cor.

Coloquei-a na minha cabeça. Eu poderia ser mais curvilínea do que a fêmea média de sua espécie, mas meu corpo não preencheu a camisa como seu peito enorme. A barra inferior alcançou meus joelhos e minhas mãos estavam perdidas em algum lugar dentro das mangas. Enrolei-os e empurrei as dobras de tecido até os cotovelos. Eu não estava prestes a reclamar. Eu estava correndo com minha bunda nua balançando na brisa desde que cheguei e ter algo para cobri-la era um alívio.

Ele pegou meu braço e me levou através de um labirinto de corredores, todos alinhados com portas que não tinham maneira visível de abri-las. Tudo o mesmo cinza opaco. Tudo iluminado apenas o suficiente para não bater nas paredes.

— O que há com vocês e as trevas?— Eu murmurei. As imagens que eu tinha visto na Terra mostravam os aritianos vivendo um mundo bonito, cheio de luz solar e cores deslumbrantes. Obviamente, destinado a otário turistas.

— Isso mantém meus homens focados em sua missão.— respondeu ele.

Entramos em uma pequena alcova. Meu estômago revirou quando o chão caiu debaixo dos meus pés. Apertei o braço de Mantsk e tentei aliviar meu terror quando percebi que estávamos em um elevador. — Estou me sentindo um pouco tonta.— gaguejei.

Ele colocou o braço em volta das minhas costas. — Você gostaria que eu carregasse você?

— Não. Passou. Estou realmente bem agora.

O elevador continuou a despencar, levando-me a pensar em quão grande era essa nave estelar. Quando finalmente parou, lutei contra uma onda de náusea.

Esse nível da nave estava movimentado, comparado com as outras áreas em que estive. Passamos por três outros arythians nos corredores. Todos eles chamaram a atenção quando viram Mantsk, focando cuidadosamente seus olhos nele. Eu imaginei que deveria ter saído da notícia que eu era propriedade dele e encarar a fêmea alienígena era um desafio a sua autoridade.

Eu não tinha essa proibição, então estudei os tripulantes com grande interesse. Além de Mantsk, eu não tinha visto nenhum aritiano vivo.

Todos eles eram enormes para os padrões da Terra. Mais altos e mais musculosos. Tudo em vários tons de cinza, embora eu tenha notado um tom rosado aparecer no rosto de um depois que eu o peguei dando uma espiada na minha bunda enquanto passávamos. Eu sorri e pisquei. Com certeza, o rosa ficou mais brilhante.

Eles se moviam rápido e silenciosamente, apesar do tamanho e, exceto pelo que eu peguei me olhando, emitiram uma sensação palpável de raiva firmemente enrolada. Fiquei grata por ter Mantsk me acompanhando. Seus homens pareciam prontos para desabafar qualquer fúria alienígena que encontrassem.

Ele parou na frente de um conjunto de portas duplas, acenou com a mão e eles ... se desintegraram. Apenas desapareceu. A mesma coisa deve ter acontecido toda vez que ele entrava em nosso quarto, mas eu geralmente estava tão focada em ser fodida quando ele entrava que eu

nunca prestei muita atenção. Eu sempre pensei que a porta deslizasse contra a parede ou algo assim.

Fiquei tão surpresa que demorou um momento para a visão que encontrou meus olhos se registrar.

A vasta câmara além estava repleta de riquezas que envergonhariam a caverna de Aladim. Pilhas de tecidos em tons vívidos, montanhas de texturas entre lisa e peludas. Tapetes grossos em intrincados padrões de tons de jóias estavam espalhados no chão, cobertos com almofadas macias e aveludadas em tons de dar água na boca de damasco, caramelo e kiwi. Vi pratos e tigelas, recipientes de todas as formas e estilos em prata e ouro e tons iridescentes de roxo e azul.

À distância, peguei um vislumbre de luz. Antes que Mantsk pudesse me parar, corri pelo espaço cavernoso.

— Oh!

A parte mais distante do porão da nave havia sido transformada em uma estufa. Filas e mais fileiras de plantas e flores floresceram sob a luz solar artificial, tão deslumbrante que tive que apertar os olhos. Árvores altas, variedades que eu nunca tinha visto antes, lutavam pelo espaço com arbustos e trepadeiras. Folhas de azul cobalto, rosa chiclete, verde limão - eu nunca tinha visto folhagem em cores tão incríveis. E as flores.

Mantsk me alcançou.

— É... é tudo tão bonito!— Eu girei com os braços abertos, tentando ver tudo de uma vez.

Sua boca continha o fantasma de um sorriso. — Pegue o que quiser. Para o seu ninho.

— Qualquer coisa?— Meu queixo caiu aberto. Estive em centenas de lojas exclusivas, desenhei e mobiliei casas luxuosas para alguns dos cidadãos mais ricos do mundo. Mas eu nunca tinha sido liberada com uma conta bancária ilimitada para satisfazer meus próprios desejos. Eu poderia passar dias aqui, fazendo compras no maior bazar da galáxia.

Estendi a mão para acariciar uma delicada flor branca cremosa, enterrei meu nariz em seu aroma doce e depois me virei para ele. — Por quê?

— Porque eu quero que você construa o ninho perfeito.

— Não, eu não quero saber por que você está me dizendo para escolher o que eu quiser. Quero saber por que *você* escolhe viver em um ambiente tão sombrio quando pode se cercar de tanta beleza.

Ele afundou em uma pilha de peles, acariciou uma das mãos enquanto pensava em sua resposta. Eu estava acostumado a isso agora. Ele sempre pesava suas palavras antes de falar. A marca de um bom líder. Alguém que nunca ordenaria seus homens à batalha até que ele considerasse todas as suas opções.

— Vivemos com tudo isso.— disse ele, acenando com a mão ao redor da sala. — Eu tirei isso. Isso... Ele pegou um punhado de peles, sacudiu para mim. — Foi isso que uma vez cobriu a superfície de metal duro em que dormimos. Roupa de cama macia. Almofadas macias. Exuberantes tapetes grossos sob os pés. Obras de arte nas paredes retratam cenas de paz e harmonia.

— Também ficamos macios.— continuou ele. — Complacentes. Meu povo baixou a guarda, pensou que todos os seres da galáxia eram gentis como nós.— Ele se afastou de mim e passou a mão sobre os olhos.

— Nós estávamos errados. O Universo possui muitos lugares escuros, cheios de maldade. Meu mundo foi destruído por esse mal. Seres gentis massacrados sem piedade.

Mantsk levantou-se. Endireitou os ombros. Começou a andar de um lado para o outro, um animal enjaulado cheio de fúria. — A vida de um soldado deve ser sombria e difícil. Punição por desobedecer uma ordem rápida e severa. Nós nunca devemos esquecer. Nunca mais vamos baixar a guarda.

Capítulo dez

Mantsk

Depois de conceder minha permissão a fêmea para arrumar seu ninho como quisesse, acrescentei uma ressalva. — Arranjarei tempo para acompanhá-la aqui, para que você possa selecionar o que deseja e o levarei para nossos aposentos, mas você não pode vir sozinha para o porão.

Ela olhou para mim, os braços carregados com pedaços de tecido trançados a partir das correias com as quais eu comparava mentalmente sua pele. Mas, em vez da palidez cremosa, esses eram tons de arco-íris. — Estes são tingidos tão lindamente.

— Você me ouviu, mulher?— Eu levantei o queixo dela mais alto para encontrar seu olhar verde profundo. — O que eu disse para você?

— Eu apreciaria se você parasse de me chamar de 'mulher'. Meu nome é Jess.

— Muito bem. Vou te chamar de Jess, desde que você se comporte adequadamente. Meu nome é Mantsk. Mas você continuará a me chamar de mestre, como é o costume das mulheres entre o meu povo. Um sinal de respeito pelo seu cônjuge e um lembrete de quem está no comando. Agora, você me ouviu, *Jess?*

— Você disse que eu posso ter qualquer coisa que eu queira para tornar nossos aposentos confortáveis e bonitos. Você não vai se arrepender, *mestre* . Este era o meu trabalho na Terra. Decorei casas para alguns dos cidadãos mais ilustres.— Ela fez uma careta. — Eu me perguntava como um decorador de interiores foi escolhido para ser diplomata - bem, agora eu sei que não foi para isso que eu fui escolhida, mas você entende meu ponto.

Foi um prazer ver uma mulher com os braços cheios de materiais de nidificação novamente, eu negligenciei seu tom de zombaria ao se dirigir a mim. Minha cativa aborrecida e ressentida ganhou vida. Embora

ela falasse nossa língua, como resultado do chip que recebera, ela falava tão rápido que eu estava tendo dificuldade em absorver tudo.

Antes que eu pudesse comentar, ela acelerou.

— Um deles não me pagou e eu registrei uma queixa nos tribunais. Era mais do que eu podia absorver. Os comerciantes estavam me pedindo pagamento pelos tecidos e os contratados pelo trabalho deles e... Os olhos dela se encheram de água que transbordava. Eu me inclinei mais perto, alarmado, mas ela limpou as gotas. — Aqueles filhos da mãe me venderam como escrava para evitar pagar a conta.

Com isso, ela caiu e eu agarrei seus braços para segurá-la na vertical enquanto o tecido derramava no chão. — Não sei o que algumas dessas palavras significam, mas se a maneira como seus líderes nos trataram, quando pedimos asilo, oferece alguma indicação, você pode estar correta.

— Existem outras, não existem? Outras mulheres aqui?— Sua voz continha tanta dor, traição nas mãos de seu próprio povo, aqueles escolhidos para representá-la e protegê-la.

— Sim, existem.— Até então, eu não sabia o que ela sabia ou não, mas as fêmeas passaram uma de cada vez, e ela não parecia saber das outras nos poucos momentos em que acordou no compartimento do portal.

— Gostaria de saber quem lhes devia dinheiro.

Dei de ombros, sem saber como responder. Esse era o comportamento típico em seu planeta? Os ricos acabaram de eliminar aqueles a quem deviam fundos? Eu não podia dizer que estava infeliz por ela ter chegado, embora eu tivesse matado qualquer um que tratasse uma de nossas mulheres dessa maneira. Se tivesse sobrado alguma. Se era assim que a Terra protegia suas fêmeas, ela estaria melhor aqui, compartilhando nosso exílio, do que entre essas desculpas ruins para os homens.

— Posso vê-las?

— Talvez mais tarde. Como você, elas estão se adaptando à sua nova vida, e muitas ainda não estão acordadas ou foram selecionados por seus senhores.

Os olhos dela brilharam. — Selecionadas por seus mestres. É a isso que tudo se resume. Elas não têm opinião sobre com quem acabam, quem ficará encarregada de suas vidas a partir de agora. Eu não posso nem... eu quero ir...

— Onde?

Ela piscou de volta mais gotas. — Para seus aposentos, já que parece ser meu único lugar autorizado. Acho que você não me mandaria para casa?

Ela perguntou antes, mas a resposta não mudaria, especialmente desde que eu soube do calibre dos homens em seu mundo. Eles não mereciam mulheres, especialmente nenhuma que me pertencia.

— Não. Mas saímos do tópico mais cedo. Antes de voltarmos aos meus aposentos, você deve concordar que não pode deixá-los. Entendido?

— Certo. Tanto faz. Vamos.

— Desrespeito você ganhará mais punição, mulher.— eu avisei.

— Vamos, mestre— , disse ela e se aproximou da porta. — Por favor.

Mais uma vez, aceitei as palavras, apesar do tom. Pequenos passos. Pequenas melhorias. Um equilíbrio para alinhá-la sem quebrar seu espírito. Ela parecia tão pequena na minha roupa, e nós falhamos em alcançar nosso objetivo de criar uma, mas isso poderia esperar, teria que esperar. Se ela se parecesse com as fêmeas do nosso mundo, ela se lembraria sozinha e pedia para voltar em breve para pegar as roupas e tudo o que queria para criar seu ninho. Por enquanto, eu decidi que era melhor permitir que seu tempo sozinha entendesse como ela havia sido tratada pelas pessoas do seu mundo natal. Deve ser uma poção amarga de engolir. É verdade que ela era minha posse, mas estava se tornando mais. Enquanto ela permanecesse cortês, eu a escoltaria para meus aposentos e cumpria meus deveres.

Por enquanto, eu poderia garantir que ela cumprisse minhas instruções simplesmente mantendo o mecanismo da porta engatado. Um hábito simples, mas que eu tinha relaxado enquanto estava no espaço. Minha equipe nunca entrava no corredor para meus aposentos

particulares sem permissão, a menos que fosse uma emergência. Eu considerei a tentativa de fuga da mulher minha culpa, causada pela minha falta de atenção às medidas básicas de segurança. Eu não tinha má vontade em relação a ela. De qualquer forma, meu respeito por ela aumentou um pouco. Na posição dela, eu teria aproveitado qualquer chance de fugir. Ela mostrou espírito, uma qualidade que eu esperava que ela transmitisse aos nossos filhos.

Para meu prazer, quando voltei algumas horas depois da ponte, minha fêmea parecia menos agitada e até sorriu com minha sugestão de fazer uma segunda caminhada até a área de armazenamento. Ela estava quieta, porém, e eu temia que levasse algum tempo para ela aceitar o que havia sido feito com ela. Ela teve muita sorte de acabar aqui em vez de estar nas mãos de algum dono de bordel sádico nos confins mais distantes do espaço onde ela seria usada e jogada de lado.

Apontar isso pode irritá-la novamente, então, apenas abri o caminho para onde todas as coisas da beleza eram mantidas. Uma vez dentro do porão, ela se moveu, balançando a cabeça e murmurando baixinho, então me encarou. — Você disse o que eu quiser, certo? Mesmo que todos os seus homens estejam vivendo em condições espartanas?

— Eu disse. Fêmeas aninhadas requerem conforto.

— Essas peles...— Ela levantou uma e a admirou de frente e de trás. — Eles não são tingidas, são? Os animais eram dessas cores?

— A cor é muito importante para o meu povo. Todas as cores.— Eu comecei a pensar, talvez, escondendo toda a cor que havia feito mais do que fazê-los focar. Talvez eu tivesse ido longe demais.

Ela estendeu a mão. Gentilmente acariciou meu braço. — Eu sinto muito. Vendo tudo isso, não consigo imaginar o quão terrível deve ser sua perda. Tenho certeza que seu mundo era um lugar bonito. Tudo se foi? Até os animais? Todas aquelas lindas flores e árvores que vi no vídeo de recrutamento que me mostraram?

— Até onde sabemos. Nosso inimigo destruiu todas as nossas naves estelares próximas o suficiente do planeta para defendê-lo, destruiu nossos centros populacionais e depois despojou Arythois de

todos os recursos necessários. Quando perdemos o contato com nosso pessoal, lançamos uma enxurrada de mísseis de defesa transportados por naves não tripuladas que viajavam a uma velocidade que os seres vivos não podiam tolerar. Mas as poucas naves restantes em nossa força estelar estavam tão longe de casa que, quando os mísseis chegaram, os invasores já haviam partido. As naves não tripuladas examinaram a superfície do nosso planeta em busca de qualquer sinal de vida e enviaram de volta as imagens que você viu. Imagens de total devastação.

Eu parei abruptamente. A culpa se derramou sobre mim. Não seria bom permitir que a fêmea chegasse muito perto. Era meu dever acasalar com essa alienígena, estritamente para fins de reprodução. Nada mais. Não importava quão gentil e atenciosa ela agia. — Suficiente.— Eu respondi suas perguntas.

Afastei-me e sua mão caiu ao seu lado.

— Hum. OK. Não tenho certeza de como você consegue roupas aqui, mas precisarei de roupas e... outras coisas de tecido. Você tem uma máquina de costura?

Aproveitei a chance de mudar de assunto. Embora o termo que ela usava não fosse familiar, eu entendi a essência e mostrei a ela a máquina programável embutida em uma antepara que faria tudo o que ela queria e muito mais.

— Uau. Então, acho que, para usar isso, eu teria que estar aqui.— Ela arqueou uma sobrancelha, os olhos brilhando. — Posso vir aqui sem você?

Eu considerei, em seguida, assenti. — Os jardins são autossuficientes, para que eu possa providenciar para que você não seja perturbada.

Cantarolando, um som doce que eu nunca tinha ouvido falar dela antes, minha fêmea juntou pedaços de materiais e os empilhou na frente da máquina. Com um pouco de instrução, ela parecia confortável em usá-la, e eu a deixei com seu trabalho. Codifiquei a porta como privada e segui para a ponte por um tempo.

— Capitão, você está bem?— meu primeiro companheiro perguntou na minha chegada.

— Perdão, o que disse?

— Eu acho que você estava cantando.

— Eu acho que você está enganado.— eu rosnei. — Agora, mostre-me seu progresso em encontrar um lar para nós.

Capítulo Onze

Jess

Eu esperei até que ele estivesse dormindo e depois sai do nosso ninho.

Foi assim que ele chamou, e eu comecei a pensar na cama em que dormimos da mesma maneira durante as semanas desde que cheguei no navio.

Poderia facilmente ter sido vários meses. Era difícil acompanhar o tempo sem ver o amanhecer e o anoitecer. Tanto quanto eu podia dizer, os aritianos tinham ciclos de vigília e sono mais longos que os humanos. Acompanhar os dias pelas refeições também não funcionou. Eu me sentia faminta o tempo todo, desejando as comidas estranhas que ele me apresentou.

Fiel à sua palavra, Mantsk havia me permitido satisfazer todos os meus caprichos em nossos aposentos, empilhando a superfície fria da cama de metal com peles grossas em tons de arco-íris, cobrindo-as com cobertores macios e tantos travesseiros que eu tive que jogar no chão para abrir espaço para dormirmos. Eu me encontrei abraçada contra ele à noite, desejando a proximidade, mesmo que eu não precisasse mais de seu calor para sobreviver. Os calafrios e tremores haviam diminuído.

Deslizei em um vestido azul macio até o chão, em um tecido de gaze, uma das muitas roupas que eu havia desenhado e costurado, e me arrastei até a porta. Acenei minha mão na frente do sensor. Depois de me acompanhar até o porão do navio várias vezes, ele instalou no painel de controle do sistema com acesso limitado, permitindo que eu chegasse daqui até as instalações de armazenamento.

— Eu não tenho tempo nem paciência para esperar aqui por horas enquanto você delibera entre dois braseiros de incenso que parecem idênticos para mim.— ele reclamou.

— Mas eles não são.— Eu segurei os vasos maravilhosamente trabalhados para ele ver. — Este tem um brilho opalescente. Acho que refletiria as cores da tapeçaria na parede.

— Bem. Pegue e vamos lá. Vou garantir que você tenha acesso a esta sala sempre que eu estiver no trabalho a partir de agora. Então você pode passar todo o tempo que quiser aqui, desde que descanse.

Ele ordenou que eu ficasse na cama por horas todas as noites e tirasse uma soneca durante o dia. Eu odiei a inatividade forçada no começo. Mas com o passar do tempo, me vi ansiosa por esses cochilos. Eu parecia ter cada vez menos energia. Exceto pelo sexo, é isso. Quanto mais transamos, mais eu queria. Queria *ele* . Aquele pau alienígena era viciante. Em vez de satisfazer minha fome por ele, cada orgasmo parecia aumentá-la ainda mais.

Ele ainda usava cybellus em mim. Estando à beira do orgasmo por horas, sabendo que quando ele voltasse, me levaria a novos patamares de paixão - eu estava adorando ser o brinquedo sexual desse alienígena. E eu amei o que Mantsk fez comigo mais ainda.

Estranhamente, hoje à noite a necessidade insaciável se foi. Aquele último clímax gritante havia deixado meu corpo flácido e saciado. Sem a preocupação constante com o sexo, meu cérebro racional começou a funcionar novamente.

Garota, você precisa sair daqui antes que ele te foda e a deixe louca de novo.

A mensagem me tirou de um casulo quente de cobertores e peles, me levou a onde eu estava na frente da porta. Talvez ele tenha cometido um erro quando programou meu acesso e eu podesse chegar a central de transporte. Fugir era imperativo.

Nada estava acontecendo. Freneticamente, acenei minha mão para frente e para trás através do bloco. Aparentemente, eu tinha feito algo errado. Em vez de dissolver a porta, o painel do sensor ativou imagens nas paredes.

Mas não foram as que meu captor me mostrou no dia em que cheguei no navio. Eu tinha entrado no que parecia um álbum de vídeo privado. Eu girei ao redor da sala, olhando para um Mantsk que eu nunca

tinha visto antes. Rindo, brilhando de cor. Tons quentes de mel enquanto ele passeava por uma floresta azul cobalto, de mãos dadas com uma adorável fêmea aritiana. Bronze saudável enquanto brincava na praia com dois pequeninos - um garoto sorrindo de orelha a orelha enquanto mergulhava na água e criava uma concha do mar. E uma garotinha com cabelos rosados e macios como a mãe, gritando quando ele se abaixou sob uma onda, com os braços em volta do pescoço dele.

Depois outras cenas. Mantsk, num tom quente que eu não tinha como nomear, com uma pitada de púrpura, abraçando sua companheira. Os vergões que corriam do ombro ao pulso eram um labirinto de cores. De repente, vi a beleza no intrincado padrão que eles teciam. E felicidade no sorriso que ela deu a ele.

Ele tinha sido um companheiro dedicado, um pai carinhoso. Sua pele pode ter ficado cinza e sua maneira fria, mas essas fotos me mostraram um ser totalmente diferente. Este alienígena foi capaz de expressar mais amor do que qualquer humano que eu já conheci.

Saia agora enquanto pode. Vá para casa.

Eu dei dois passos em direção à porta e depois caí de joelhos, lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

A porta na minha frente se dissolveu.

— Eu não vou mantê-la aqui.— Atrás de mim, ouvi os passos de Mantsk se aproximando. Sua voz falhou, como se as imagens o deixassem lutando contra as lágrimas. — Meu povo não é desnecessariamente cruel. Eu sofro por aqueles que perdi todos os dias, mas isso não é motivo para causar sofrimento a você. Não chore, Jess. Vou te mandar de volta para casa. Para aqueles que você ama. Aqueles que amam você.

— Não é por isso que estou chorando. Ver você... com eles... me fez perceber como minha vida estava vazia na Terra. Damon era um idiota total. Ele nunca se importou com ninguém além de si mesmo. Eu... eu não tenho ninguém para quem voltar. Ninguém vai sentir minha falta. Ninguém me ama.— Eu quebrei, soluçando. — Meu *mundo* nem me queria. Eles me entregaram a alienígenas!

Ele se ajoelhou e me pegou em seus braços. — Eu quero você, pequena humana. Não posso dizer que te amo. A ferida no meu coração está muito crua. Mas eu me preocupo com você e cuidarei de você. E algum dia, se Deus quiser, vou me curar o suficiente para amá-la como você merece ser amada.

Sua mão era gentil quando ele limpou as lágrimas dos meus olhos. Eu assisti ele mudar de cinza para azul pálido, uma sombra que espelhava meu vestido. — Fique, Jess. Fique comigo. Juro que vou encontrar um novo mundo, um lugar onde poderemos construir uma vida.

— Capitão, você é necessário na ponte!— Um membro da tripulação que eu nunca tinha visto antes derrapou na frente da porta aberta. Até agora eu estava acostumada com os seus passos suaves. Como chefe em comando, Mantsk teve o luxo de acasalar-se sem ser incomodado por questões de rotina. Os membros da tripulação vigiavam as redondezas, para que pudessem alertá-lo pessoalmente em caso de emergência, em vez de acionar um alarme ou emitir um anúncio estridente em nossos aposentos.

Ele nos viu encolhidos no chão e desviou os olhos. — Me desculpe senhor. Eu não quis me intrometer.

— Diga a eles que estou a caminho.

Os braços de Mantsk se apertaram ao meu redor. Ele levantou minha cabeça e olhou nos meus olhos.

— Você ficará? Por favor?

Epílogo

Jess

Parecia há muito tempo agora. Esta nave havia se tornado minha casa. Este estrangeiro severo, meu mestre. Meu companheiro. Meu amante loucamente apaixonado.

Ser capaz de fazer o que eu mais amava, criar beleza ao meu redor, ajudou. Nossos aposentos sempre seriam um trabalho em andamento e, recentemente, eu estava trabalhando nas áreas comuns. Trazendo luz e vida para eles.

Não me interpretem mal. Eu ainda me irritava em ser tratada como criança às vezes, uma posse em vez de uma igual. Mas eu comecei a sentir o carinho por trás de suas ordens arrogantes. E foi bom saber que eu sou importante para alguém. Além disso, tive tempo de sobra para convencê-lo a ajustar sua atitude - pelo menos fora do quarto. Eu descobri que gostava de ser submissa a ele lá.

E eu assumi outro papel - ajudar as outras mulheres daqui a se ajustarem à sua nova vida. Às vezes, significava sentar com elas no começo, enquanto lamentavam ou esbravejavam contra a injustiça do que nos foi feito. Às vezes, relembramos a Terra e tudo o que perdemos - especialmente chocolate. Como eu, as outras não tinham motivos ou alguém para quem voltar em casa. Eu acho que foi por isso que fomos escolhidas. Ninguém em nosso mundo suscitaria protestos. Eu não tinha certeza de que alguém notaria que estávamos fora.

Essa foi uma das razões pelas quais eu disse a ele que ficaria. Então, pela primeira vez, me juntei a ele na ponte.

Uma colméia de atividade, continha mais arythians do que eu já tinha visto antes. Guerreiros gigantes, todos agrupados em torno de uma tela pequena. Não mais cinza opaco, exibiam tons fracos de cores diferentes. Cores mais brilhantes, para combinar com as expressões esperançosas em seus rostos.

— Senhor, descobrimos um mundo que acreditamos ter as condições bioquímicas corretas para sustentar a vida de nossa espécie... e a delas— . Um dos guerreiros deu um passo à frente, mantendo os olhos respeitosamente em Mantsk, enquanto estendia a mão para me incluir em seu comentário. — Não há sinal de habitação por seres sencientes. Com sua permissão, podemos enviar uma sonda para investigar mais.

Mantsk acenou com a mão e a minúscula tela se expandiu, preenchendo uma parede da sala.

— Aonde?

Um dos homens apontou para um canto da tela, indicando um ponto não maior que um pontinho de minusculo.

— Lá. No Vetor Oito. Não podemos ter certeza, mas está na posição adequada relevante ao seu sol para imitar o clima de Arythios. E, graças à sua previsão, nossos cientistas continuaram seus experimentos em horticultura nas estufas.

Mantsk assentiu distraidamente, sua concentração ainda fixa na mancha quase invisível.

— Caçar os demônios que destruíram nosso mundo pode satisfazer nossa necessidade de vingança. Mas não precisávamos que os cientistas se juntassem a nós na preparação para a batalha. Também temos outra missão - encontrar um novo lar para nossa raça. E quando o fizermos...— Ele olhou para cima e me deu um sorriso de verdade. — Quando o fizermos, graças aos seus esforços, poderemos recriar as plantações, árvores e flores nos famosos jardins de Arythios. Para comida e abrigo. E pela beleza, para deliciar os filhos que teremos um dia, se os deuses desejarem.

Eu olhei para a pequena mancha na tela. Embora a tecnologia aritiana estivesse muito além da da Terra, ainda levaria meses para chegar lá. E uma vez que fizessemos isso, não havia garantia de que nossas formas de vida pudessem sobreviver.

Saberíamos mais nos próximos dias e semanas, coletando informações à medida que nos aproximamos. O pontinho minúsculo aumentaria... e o pequeno pacote de células dentro de mim

também. Essa foi a outra razão pela qual eu disse que ficaria. Por enquanto, eu estava disposta a comer quando ele disse e descansar quando ele me ordenou. Eu faria qualquer coisa para proteger essa vida frágil que nutria. A criança que eu ansiava. Quando soubéssemos se esse novo mundo nos sustentaria, eu saberia se meu corpo poderia levar os filhos de Mantsk a termo. Nosso bebê.

Eu sorri de volta para ele e coloquei a mão na minha barriga, me perguntando que cor gostosa ele ficaria quando eu lhe desse a notícia.